

UNIVERZITA PALACKÉHO V OLMOUCI

Filozofická fakulta Katedra romanistiky

**A representação do contexto sócio-político na obra romanesca da fase
realista de Machado de Assis**

The representation of the socio-political context in the novels of the realist phase
of Machado de Assis

(Magisterská diplomová práce)

Autor: Bc. Viktória Polyáková

Vedoucí práce: PhDr. Zuzana Burianová, Ph.D.

Olomouc 2019

Prohlašuji, že jsem tuto magisterskou diplomovou práci vypracovala samostatně pod odborným vedením PhDr. Zuzany Burianové, Ph.D. a uvedla v ní veškerou literaturu a ostatní zdroje, které jsem použila.

V Olomouci, 11. 12. 2019

.....

podpis

Pod'akovanie

V prvom rade by som sa chcela poďakovať PhDr. Zuzane Burianovej, Ph.D., za jej rady a pripomienky k písaniu tejto diplomovej práce a tiež za jej trpezlivosť, odborný prístup a motiváciu počas celého štúdia.

Pod'akovanie patrí aj Mgr. Kateřine Ritterovej, Ph.D., Mgr. Petre Svobodovej, Ph.D. a Mgr. Fernandovi Costovi, ktorým sa svojím pozitívnym prístupom k študentom a entuziazmom k svojmu odboru podarilo vo mne prebudiť a neskôr posilniť vzťah k lusofónnym kultúram. Ďalej by som poďakovala aj vyučujúcim z môjho druhého študijného odboru a zahraničným lektorom, ktorí sa tiež zaslúžili o rozšírenie môjho obzoru.

Rada by som vyjadrila vďaku aj mojej rodine, ktorá je pre mňa najväčšou oporou a stála pri mne aj počas štúdia. Na záver ďakujem Kateřine Henclovej, Michalovi Pagáčovi a Terese Waloszkovej, spolužiakom a kamarátom, na ktorých sa môžem vždy spoľahnúť.

Índice

1.	Introdução	7
2.	Contexto histórico.....	8
2.1	Questões problemáticas no Império	8
2.1.1	Revoltas	8
2.1.2	Guerra do Paraguai	9
2.1.3	Abolição da escravidão	10
2.1.4	Imigração	11
2.1.5	Polarização da sociedade	12
2.1.6	Religião	14
2.2	Características filosóficas e culturais	17
2.2.2	Positivismo.....	17
2.3	Fim da Monarquia	18
2.4	Primeira República.....	18
2.4.1	Exército	18
2.4.2	Encilhamento	19
2.4.3	Canudos	19
2.4.4	Política	19
3.	Análise dos romances escolhidos	20
3.1	<i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i>	20
3.1.1	Criação de uma origem elitista	21
3.1.2.	O bacharel em formação	22
3.1.3	A vida da elite	23
3.1.4.	A camada livre mas miserável	24
3.1.5.	Escravidão.....	25
3.1.6	O narrador defunto e a Natureza.....	27
3.1.7	Brás e o Brasil.....	28

3.1.8	Considerações finais	28
3.2	<i>Quincas Borba</i>	30
3.2.1	Humanitismo.....	30
3.2.2	Rubião: de professor a capitalista	32
3.2.3	Aspirações políticas	34
3.2.4	Os impostores, Palha e Sofia	35
3.2.5	Escravidão.....	36
3.2.6	O fim de uma época: falência e alienação	36
3.2.7	Considerações finais	37
3.3	<i>Dom Casmurro</i>	39
3.3.1	Chave ideológica do livro	39
3.3.2	Modernização da cidade: subúrbios.....	40
3.3.3	Igreja: carreira ou vocação.....	41
3.3.4	Ambições mundanas	44
3.3.5	O agregado, um fenômeno social da época	44
3.3.6	As mulheres	45
3.3.7	Considerações finais	47
3.4	<i>Esau e Jacó</i>	48
3.4.1	Ambições sociais	48
3.4.2	Forças inconciliáveis.....	51
3.4.3	Forças conciliadoras	53
3.4.4	Escravidão.....	54
3.4.5	Crise espiritual	55
3.4.6	Símbolos	56
3.4.7	Considerações finais	57
3.5	<i>Memorial de Aires</i>	59
3.5.1	A intertextualidade.....	59
3.5.2	As duas personalidades de Aires	60

3.5.3	Abolição.....	62
3.5.4	Paixão amorosa e paixão pelo poder.....	63
3.5.5	Livro sobre a elite	64
3.5.6	Considerações finais	65
4.	Conclusão.....	66
5.	Resumé.....	69
6.	Bibliografia	70
7.	Anotação	73

1. Introdução

Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) é um autor consagrado pelo cânone literário; dedicava-se ao jornalismo, escrevia poesia, prosa e teatro. As obras mais apreciadas dele são os romances, os contos e as crônicas. O escritor passou a vida toda na capital brasileira da época, no Rio de Janeiro, conhecendo muito bem a sociedade carioca, cujo retrato detalhado e perspicaz ele ofereceu nas suas narrativas. Sua obra é comumente dividida em duas fases: romântica e realista.

Este trabalho dedicar-se-á aos cinco romances da fase realista do autor, mais precisamente à imagem da sociedade oitocentista neles apresentada. O autor nasceu no Período Regencial, a maioria da sua vida situou-se no Segundo Império, e ele ainda foi testemunha dos primeiros anos da República. Vivia em uma época de grandes mudanças e, sendo um observador excelente, projetou os movimentos sociais e políticos na sua obra. O trabalho pretende mostrar como é representada a sociedade brasileira da época nos romances escolhidos e identificar os vínculos com os acontecimentos históricos e sócio-políticos desse período. Para esse fim vamos, além da análise dos romances, reconstruir brevemente, com apoio da historiografia, o retrato da época em questão.

Dividiremos o trabalho em duas partes principais. A primeira, teórica, será dedicada à revisão do contexto histórico no qual o autor vivia. Apresentaremos as características da política interior e exterior, os sistemas filosóficos, a estrutura da sociedade brasileira da época. Revisaremos quais foram os fatores que levaram à mudança do regime imperial para o republicano.

A segunda parte, de caráter analítico, abrangerá o estudo dos cinco romances da fase realista do autor: *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro*, *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*. Após a leitura dos livros e das fontes secundárias sobre eles, identificaremos os tópicos referentes à realidade sócio-política da respectiva época. No próximo passo estabeleceremos conexão entre os aspetos sublinhados na primeira parte e as observações feitas a partir da leitura dos romances. Tratando-se de uma série de livros, observaremos se a evolução histórica da sociedade brasileira do período se reflete também no universo ficcional do autor.

2. Contexto histórico

Para poder prosseguir à análise dos romances escolhidos para o presente trabalho, é necessário fazer uma contextualização histórica. Este capítulo pretende fazer um esboço das principais características sócio-políticas da época em que viveu Machado de Assis e que abordou nas suas obras. Vão ser apresentados os maiores problemas que a sociedade brasileira enfrentou na segunda metade do século XIX, assim como as circunstâncias nas quais tinham surgido as duas vertentes que dividiam a sociedade da época: o monarquismo e o republicanismo.

2.1 Questões problemáticas no Império

Primeiro, deve-se caracterizar geralmente a época na qual viveu o autor em questão, Machado de Assis. O ano do seu nascimento, 1839, encaixa-se ao chamado período regencial que abrange o intervalo entre a abdicação de Pedro I e a maioridade de Pedro II. O imperador herdou um Brasil com muitos problemas, com os quais teve que lidar sendo apenas um adolescente, tomando posse do trono apenas com 15 anos de idade, após a época de regência na ausência de Pedro I, entre os anos 1831-1840. Durante a época regencial, na falta de uma autoridade, viram à toa muitos problemas tanto no nível interior como nas relações internacionais. Muitos desses acontecimentos foram cruciais na formação da cena política na esquina do século.

2.1.1 Revoltas

As insatisfações do povo tomaram uma forma radical durante o período da regência, resultaram em revoltas. No Rio registraram-se cinco encontros graves das tropas com o povo e nas províncias houve várias sublevações, principalmente no Norte e no Nordeste. Entre 1832 e 1835 ocorreu em Pernambuco a Guerra dos Cabanos, na qual a população rural se mostrou descontente com as tendências liberais. Exigiram a volta do Imperador em nome da fé, mas foram derrotados. No Pará, região com minoria branca, também houve uma revolta, a chamada Cabanagem. Pará declarou a sua independência, liderado por Eduardo Angelim, “concentrando-se no ataque aos estrangeiros, aos maçons, e na defesa da religião católica, dos brasileiros, de Dom Pedro II, do Pará e da liberdade¹.” Outras rebeliões da época foram a Sabinada, na Bahia; a Balaiada no Maranhão; ou a Guerra dos Farrapos no Rio Grande do Sul. Esta última, liderada pelos criadores de gado importantes das províncias, teve um tom anti-monárquico. Embora alguns movimentos conseguissem por um tempo proclamar sua respetiva independência, no

¹ Boris Fausto. *História do Brasil*, (São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006), p. 166.

final foram todas reprimidas. Mesmo assim, o Brasil enfrentou uma crise muito profunda, a ameaça de sua decomposição era viva.

2.1.2 Guerra do Paraguai

Houve problemas também com os países fronteiriços. Depois dos conflitos com Uruguai e Argentina, seguiu-se com a guerra contra Paraguai, que sucedeu entre 1864 e 1870. A situação no território do Rio da Prata era complicada, dado que todos os estados que ficavam ali, sofreram de rivalidades internas. Na Argentina eram os Unitários (na maioria comerciantes de Buenos Aires) contra os Federalistas (elites regionais), em Uruguai enfrentaram-se os blancos e os colorados liberais. Em Paraguai os guaranis não concordaram com os portenhos por questões de navegação, e isso levou a um bloqueio por parte de Argentina. Paraguai, isolado, foi liderado por José Gaspar Francia, este estabeleceu um regime ditatorial. Só depois da morte dele há tentativas de abertura por parte do presidente Carlos António López, e mais tarde por seu filho e sucessor na função, Francisco Solano López. Durante a presidência dele é que se irrompeu o conflito militar, provavelmente por questões de fronteiras e navegação no Rio Paraguai.

O confronto entre o Brasil e Paraguai se iniciou com a intervenção do primeiro em Uruguai para ajudar a chegar aos Coloridos ao poder. Paraguai enfrenta-se também com a Argentina, e logra assim que seus três adversários assinassem contra ele a Tríplice Aliança, em 1865. A guerra ocasionou grandes perdas de soldados em todos os lados. No final, Brasil ficou sozinho contra Paraguai. Em 1866 houve dois acontecimentos importantes no Exército brasileiro. Primeiro, tornou-se liderado por Caixas, por pressão do Partido Conservador, descontente com o curso da luta até lá. Segundo, aprovou-se uma lei de “escravos da Nação“, que libertou alguns escravos para se unirem ao Exército.

O Brasil saiu do conflito como ganhador, mas mesmo assim sofreu grandes perdas. O que é importante observar do ponto de vista político é que se deu um passo à abolição dos escravos. Entre outras exigências, “na rendição, o Conde D’Eu, genro do Imperador, impõe ao Paraguai a declaração (unilateral) de extinção da escravidão.”² Outro fato importante é que o Brasil ganhou sua primeira guerra e isto aconteceu graças ao Exército, que se afirmou “como uma instituição com fisionomia e objetivos próprios.”³

² Jaci Maria Ferraz de Menezes, “Abolição no Brasil: A construção da liberdade”, (Revista *HISTEDBR*, v. 9, n. 36), p. 89.

³ Boris Fausto. *História do Brasil*, p. 216

Um dos aspetos que mais marcou os acontecimentos sócio-políticos e intensificou o surgimento de posturas políticas diferentes foi a questão da abolição.

2.1.3 Abolição da escravidão

A questão principal, que causou polémicas tanto no nível interior como exterior da política brasileira, foi a da escravatura. A Grã-Bretanha, aliado principal do Brasil na época que este ganhou a sua independência de Portugal, fez várias tentativas para terminar com o fluxo dos escravos rumo ao Brasil. A aprovação de Aberdeen Act da parte da Grã-Bretanha, em 1845, permitiu a esta para prender os barcos brasileiros que transportassem negros e também levar os comandantes ao Tribunal britânico. Provocou opinhões negativas mesmo entre os brasileiros do movimento antiescravidão, pois deu à Bretanha o direito de tratar dos naivos brasileiros traficantes como se fossem piratas⁴.

O problema da escravatura não se eliminou de repente, o processo teve vários passos. Depois das primeiras diminuições do número dos escravos trazidos ao Brasil, „os escravos se tornam extremamente caros e há um interesse em cuidá-los melhor.“⁵ O próximo passo importante foi a aprovação da Lei do Ventre Livre, em 1871. “A proposta declarava livres os filhos de mulher escrava nascidos após a lei, os quais ficariam em poder dos senhores de suas mães até a idade de oito anos. A partir dessa idade, os senhores podiam optar entre receber do Estado uma indenização ou utilizar os serviços do menor até completar 21 anos.”⁶ A lei foi significativa mais simbolicamente do que na prática, pois as condições que impôs, libertaram um número quase insignificante dos escravos.

Um passo mais foi a aprovação da chamada Lei dos Sexagenários, de 1885, que garantiu a liberdade aos escravos de mais de 60 anos da idade. Porém eles não seriam libertados logo após de chegar à idade indicada, tiveram de servir mas um ou até três anos (dependendo da idade quando os atingira a lei) ao proprietário.⁷ O lado negativo da lei foi que considerando o trabalho duro dos escravos, só poucos atingiram os 60 anos, e mesmo se fosse o caso, já não dispuseram de muita força para trabalhar. Podemos assumir, que a lei foi por isso mais favorável aos proprietários do que aos escravos.

⁴ Ver Leslie Bethell, *A Abolição do comércio brasileiro de escravos* (Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002), pp. 300-303.

⁵ Jaci Maria Ferraz de Menezes, “Abolição no Brasil: A construção da liberdade”, p. 89.

⁶ Boris Fausto. *História do Brasil*, p. 217.

⁷ Cf. Jan Klíma, *Dějiny Brazílie*. (Praha: Nakladatelství Lidové Noviny, 2011), p. 239.

Quem se mobilizou, porém, foi o povo. Criaram-se cada vez mais associações contra a escravidão, passo a passo os escravos puderam contar com o “apoio de vastos setores da população; o Exército passa a se recusar a perseguir negros fugidos; os trabalhadores da estrada de ferro-negros livres ou imigrantes italianos-escondem e transportam negros fugidos. Fala-se em desagregação do sistema escravocrata.”⁸ Os incidentes relacionados aos maus-tratos dos escravos da parte dos senhores ganharam cada vez mais visibilidade, até o ponto de o castigo físico ser proibido. Sendo aprovada a proibição por lei em outubro de 1886, eliminou-se o maior receio dos escravos, esse foi um passo muito significativo para terminar com a escravidão⁹.

A princesa Isabel, em regência, sob a influência dos acontecimentos, aprovou, no ano de 1888, a Lei Áurea, que definitivamente aboliu a escravidão. Com esse ato a instituição da escravidão terminou formalmente, mas na realidade a transição da sociedade demorou muito mais. Não se pode falar de uma vitória total do movimento abolicionista, pois houve muito trabalho pela frente: assegurar a integração dos ex-escravos à sociedade, garantir a sua educação, etc. A aprovação legal da liberdade foi um processo longo, mas mesmo assim „[a] abolição da escravatura não criou as condições para que os antigos escravos pudessem alcançar a igualdade, a cidadania plena.“¹⁰

2.1.4 Imigração

Com o fim do fluxo dos escravos ao Brasil surgiu um problema de falta de mão-de-obra, principalmente nas regiões cafeeiras de São Paulo. Uma das soluções era a negociação interna, isso é, trazer os escravos das outras regiões do país. Como com o tempo o número de trabalhadores não estava suficiente, nasceu uma solução nova: atrair mão-de-obra da Europa. A primeira tentativa do fazendeiro Nicolau de Campos Vergueiro com os suíços e alemães resultou numa revolta, pois ele ofereceu aos recém.chegados condições muito precárias.¹¹

A segunda tentativa, após 1871, contava já com o apoio do governo: este ofereceu cobrir as despesas da viagem dos imigrantes para o Brasil e fornecer alojamento nos primeiros dias. A vinda destes foi organizada já por companhias, estas fizeram propaganda na Europa. Começaram a chegar principalmente italianos, devido à crise na sua terra natal.

⁸ Jaci Maria Ferraz de Menezes, “Abolição no Brasil: A construção da liberdade”, p. 93.

⁹ Cf. Idem, *ibidem*, pp. 93-94.

¹⁰ Idem, *ibidem*, p. 100.

¹¹ Cf. Boris Fausto. *História do Brasil*, pp. 206-208.

Não podemos deixar a parte um outro tipo de imigração, que ocorreu no Sul do país, por iniciativa de Pedro I, para formar uma classe média rural. Os alemães chegaram a Santa Catarina e Rio Grande do Sul e dedicaram-se à criação de animais e plantas. Entre 1846 e 1875, os alemães entraram em massa e fundaram várias colônias¹².

2.1.5 Polarização da sociedade

Como sempre, quando decisões e mudanças importantes estão em questão, a sociedade divide-se em grupos e partidos, que não necessariamente coincidem nas suas opiniões. Na época de Machado de Assis, podem ser observadas duas fases.

A primeira ocorre entre os partidos imperiais, a partir da década de 1830, na qual se enfrentam os Conservadores (chamados de Saquaremas) e os Liberais (conhecidos também como Luzias). As divergências entre os dois grupos podem dever-se às diferenças da composição dos partidos e também o aspeto geográfico: os Conservadores eram mais populares na Bahia, Pernambuco e entre alguns proprietários rurais fluminenses; os Liberais tinham mais poder em São Paulo, Minas Gerais ou Rio Grande do Sul¹³

Uma das importantes questões discutidas era a de centralização do poder. Os conservadores eram ao favor, os liberais acabaram optando pela descentralização. A diferença de opiniões entre os relativos partidos aprofundou-se em 1870 com a renovação do Partido Liberal que veio com as seguintes propostas: “eleição direta nas cidade maiores; o Senado temporário; a redução das atribuições do Conselho de Estado; a garantia das liberdades de consciência, de educação, de comércio e de indústria; e a abolição gradual da escravatura.”¹⁴Também desejavam maior participação do povo na política.

Na década de 1870 tornou-se muito importante a cultura do café em São Paulo, gerando grandes lucros. A burguesia cafeeira não achou justo enviar os ganhos para serem repartidos por todo o Império. O sistema monárquico não permitia tal mudanças como o poder descentralizado, ou uma representação política mais ampla. Partindo disso nasceu o movimento Republicano e com isso a segunda onda de enfrentamento, neste caso com os defensores da Monarquia.

¹² Cf. Idem, *ibidem*, p. 241.

¹³ Cf. Idem, *ibidem*, p. 182.

¹⁴ Idem, *ibidem*, p. 182.

2.1.5.1 Republicanismo

As ideias dos Republicanos foram assentadas em Rio de Janeiro, pelo “Manifesto Republicano de 1870, [seus adeptos] consideram a Monarquia uma anomalia na América, onde só existem repúblicas.”¹⁵ Criticavam o modo das eleições, a centralização do poder, não consideravam o imperador D. Pedro apto para governar um império vasto como o Brasil, atribuindo todas as suas desilusões a ele, pois é ele quem dispõe do Poder Moderador. Como bem resume Emilia Viotti da Costa: „Aos seus olhos a Monarquia era o regime de corrupção e de arbítrio, de violência e de injustiças e sobretudo do governo do Poder Pessoal, discricionário e alheio aos interesses do povo.”¹⁶ É certo que essa opinião era exagerada e culpava o Imperador de muito mais do que de verdade ele tinha nas suas competências.

Em 1873 foi formado o Partido Republicano Paulista. Além de reclamar a baixa representatividade de São Paulo na política, a burguesia cafeeira veio à defesa de federação, isso é, a unidade básica do país seria a província. Reclamaram também que contribuindo muito ao rendimento do Império, não receberam remuneração proporcional. O partido conseguiu dois representantes na Câmara no ano 1885, nomeadamente Campos Sales e Prudente de Moraes.¹⁷ Em 1887 formou-se o Partido Republicano Federal, que uniu os núcleos do movimento espalhados pelo país.

Os Republicanos não dedicaram, porém, muita voz à questão da escravidão, porque o partido reunia tanto abolicionistas como fazendeiros escravocratas. Na Lei Áurea, de 1888, os Republicanos veiam a intenção da princesa de ganhar mais popularidade, antes da sua potencial subida ao trono.¹⁸

Dentro do movimento existiram duas vertentes, a diferença entre eles era na ideia como chegar ao regime republicano. A vertente revolucionária, liderada por Silva Jardim apostava numa revolução popular, quer dizer, contava com uma participação direta do povo. No outro lado ficaram os evolucionista representados por Quintiano Bocaiúva. Estes tinham uma ideia de transição mais pacífica, chegando ao poder pela eleição do partido¹⁹, talvez só depois da morte do Imperador.²⁰

¹⁵ Emilia Viotti da Costa, *Da monarquia à república: momentos decisivos*, (São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999, p.387.

¹⁶ Idem, *ibidem*, p.392.

¹⁷ Cf. Milene Ribas de Costa, *A implosão da ordem: a crise final do Império e o movimento republicano paulista*, dissertação de mestrado. (São Paulo, 2006), p 57.

¹⁸ Cf. Idem, *ibidem*, pp. 59-60.

¹⁹ Cf. Idem, *ibidem*, p. 58.

²⁰ Cf. Boris Fausto. *História do Brasil*, pp. 227-228.

Do outro lado estavam os monarquistas. Eles louvavam a estabilidade que se sentia durante o Império. Também destacavam como um fato positivo a „paz interna e externa garantindo a unidade nacional, o progresso, a liberdade e o prestígio internacional.“²¹ Atribuíaam ao Império o ato progressista da abolição da escravidão, ressaltavam a sua integridade, classificando a monarquia brasileira como uma potência no contexto latinoamericano

Como bem se pode ver, verifica-se que cada um dos grupos procurava a defender as suas verdades, muitas vezes culpando o outro partido, e defendendo o seu. Os dois lados chegavam assim a atitudes exageradas. Finalmente, cabe mencionar que depois da transição dos sistemas, muitas pessoas mudaram de ideias e trocaram do seu ponto de vista.

As oposições entre as ideias de uma ou outra corrente ganharam muitas vezes representações formais. Tomando a figura da liberdade como exemplo, chegamos à observação que „sua forma era a de uma mulher sempre coberta por vestes diáfanas.[...] tal ilustração aparecia ornada, com muita frequência, com o barrete frígio. Ou seja, no campo do imaginário, estava estabelecida uma associação entre liberdade e república.“²² Esta imagem aparecia frequentemente, junta a outras que se burlavam de maneira carnavalesca do imperador, e outras personagens importantes. Eram de fácil descifração²³, para atingirem o público mais amplo possível.

Outras representações que apareciam eram a associação do progresso com o trem, na parte oposta as figuras principais da Monarquia eram ilustradas em associação a animais lentos ou atrasados, como tartarugas, caranguejos ou burros²⁴.

2.1.6 Religião

Outro fator muito importante para a desestabilização do sistema monárquico é a atuação de grupos religiosos. Na época havia oficialmente uma hegemonia da Igreja Católica, imposta pelos portugueses no século XVI e vigente durante séculos, mas como se verificará a seguir, esta começou a perder o seu poder na política.

Também não se pode deixar de lado que com a chegada dos imigrantes de vários países, estes mantiveram as suas religiões em vez de se converterem ao catolicismo, continuando a praticar as suas religiões ou cultos, que foi mal-visto pela Igreja Católica.

²¹ Idem, ibidem, p. 392.

²² Idem, ibidem, p. 19.

²³ Cf. Maria Tereza Chaves de Mello, “A modernidade republicana“, (Tempo, v.13, n.26, 2009), p. 27.

²⁴ Cf. Idem, ibidem, p. 28.

2.1.6.1 Clero

O Clero da Igreja católica era tradicionalmente muito ligado aos acontecimentos políticos no Brasil. Este facto não é estranho, pois os clérigos recebiam educação especial e eram encarregados de assuntos de administração das freguesias. Ainda durante o Império de D. Pedro II, as eleições para a Câmara dos Deputados tinham lugar nas igrejas, e eram os padres que otorgavam a licença de votar às pessoas. Podemos então dizer, que as eleições eram controladas até certo grau pelo Clero, principalmente por falta de documentos de identidade, pois cabia ao pároco a responsabilidade pela identificação do eleitor.²⁵ Como neste processo eram frequentes abusos, cresceu cada vez mais a insatisfação da sociedade com tanta influência do Clero na política. Começaram-se então a tomar medidas para excluir o Clero da esfera política. O passo decisivo foi a adoção duma lei que definiu um modo inovativo do processo eleitoral: „Tal mudança veio com o decreto 3029, de 9 de janeiro de 1881, que foi regulamentado por outro, o decreto 8.213, de 13 de agosto de 1881, e ficou conhecido como Lei Saraiva ou Lei do Censo. Esta reforma também aboliu o sistema de eleições indiretas (CLIB, 1881, II, parte II, 854-916).“²⁶ Foram ratificadas desta maneira as eleições diretas, o Clero afastou-se do Estado e demonstrou uma atitude de indiferença quanto à queda da Monarquia.

2.1.6.2 Seitas de fanáticos

Durante o Segundo Império nota-se o aparecimento de alguns grupos religiosos, organizados em comunidades fechadas. Com a abolição da escravidão, entram no Brasil cada vez mais imigrantes. Um casal descendente de imigrantes alemães, os Maurer, foram responsáveis por um movimento religioso significativo em 1874, chamado de Muckers, em Ferrabraz, no Rio Grande do Sul. Tratava-se de um curandeiro, cuja esposa no início consolava as pessoas com a leitura e interpretação da Bíblia luterana, tornando-se estas interpretações cada vez mais livres.²⁷ Com algumas circunstâncias aleatórias a favor, a comunidade deles ganhava cada vez mais membros. Como a Igreja Católica foi no Brasil considerada como a única legítima, eles entraram em problemas. A situação começou a ficar grave, quando algumas pessoas foram mortas e as autoridades, sem provas suficientes, atribuíram o crime à

²⁵ Cf. Ítalo Domingos Santirocchi, “Afastemos o padre da política! A despolitização do clero brasileiro durante o Segundo Império”. (*Mneme - Revista de Humanidades* 12, n. 29, 2011), p. 195.

²⁶ Idem, *ibidem* p.196.

²⁷ Cf. Marinês Andrea Kunz, Roswithia Weber. “O Movimento Mucker e suas relações com a igreja católica e a protestante”, (*Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, v. 4, n. 8, 2012), p. 139.

comunidade Mucker²⁸. A situação foi-se agravando, até ocorrer um encontro do exército com a comunidade, que foi vencida, em 1874, porém a fama e as anécdotas místicas preservaram-se.

O fenômeno das seitas de fanáticos não se extinguiram com o fim do Império. Nos Sertões, um conjunto de pessoas estabelece-se ao redor de Antônio Conselheiro. Este personagem mítico construiu uma comunidade muito forte, outra vez foi provocada a intervenção do exército. A resistência enorme resultou na derrota do Exército comandado por Moreira César, mas no final os fanáticos foram rendidos.

2.1.6.3 Espiritismo

O espiritismo, surgido na França em 1857 com a publicação de *O Livro dos Espíritos* de Allan Kardec, pretende ser uma síntese de religião, filosofia e ciência²⁹. Partindo da idéia que as almas de mortos comunicam com as pessoas vivas, nos salões burgueses popularizaram-se as chamadas mesas dançantes. Durante estas sessões, supostamente os espíritos comunicavam por meio de batidas, traduzidas por um sistema de códigos.

A doutrina ganhava cada vez mais adeptos e chegou também ao Brasil. Primeiro eram só algumas menções em jornais, mais tarde se organizaram sociedades. Por volta de 1860, na Bahia alguns intelectuais começaram a estudar os livros de Kardec, ainda em francês. Um deles, Luiz Olímpio Teles de Menezes resolveu apresentar as ideias aos brasileiros. Ele fez com que o espiritismo se tornasse cada vez mais popular, causando polêmicas entre os elementos do Clero.

Com a popularidade cada vez mais crescente graças ao «Grupo Baiano», o espiritismo assentou-se também no Rio. Lá se ia ligando ao movimento republicano, pelos seguintes motivos: “o espiritismo foi simpático a muitas causas “progressistas” do país, como a abolição e a república. No caso da abolição, por que a escravidão feria os preceitos cristãos do espiritismo, que manda amar o próximo como a si mesmo, e também pela orientação liberal da doutrina, que conjugava igualdade e liberdade, princípio que não era praticado na época. Já no caso da república, talvez pelas suas propostas mais democráticas e humanas, mas muito mais por que ele iria substituir a monarquia, que muito pouco tinha feito pela doutrina, e que tinha o catolicismo como religião do Estado, o que prejudicava bastante a propaganda espírita.³⁰”

Nos anos 70, a doutrina espalha-se pela população do Rio de Janeiro e conta com cada vez mais atividades. Lançam-se jornais, traduzem-se livros, pratica-se homeopatia.

²⁸ Cf. Idem, *ibidem*, p. 144.

²⁹ Cf. Paulo César da Conceição Fernandes, *As Origens do Espiritismo no Brasil: Razão, Cultura e Resistência no Início de uma Experiência (1850-1914)*, dissertação de mestrado, (Brasília, 2008), p. 7.

³⁰ Idem, *ibidem*, p. 87.

Em 1883 foi fundada a “Federação Espírita Brasileira“, ³¹com o alvo de unir aos adeptos já em nível nacional. Os espíritas passaram por fases difíceis, mas a doutrina sobreviveu e continua até hoje no Brasil.

2.2 Características filosóficas e culturais

Para entender a época, não basta apresentar apenas os principais acontecimentos históricos. Tem de ser apresentado também o sistema filosófico da época, ou seja, as correntes de pensamento que causaram mudanças quer no campo da política, quer da cultura.

Os discursos da época incluíam muitas vezes o tema da oposição entre a monarquia e a república. Estes eram influenciados pela chegada de novas correntes de pensamento: evolucionismo, cientifismo, materialismo e positivismo. Estas ideias atingiram tanto os monarquistas como os republicanos.³²

2.2.2 Positivismo

O positivismo está mais frequentemente ligado ao nome de Auguste Comte. Na prática, o conceito inclui a fraternização, a contraposição à competição intuitiva agressiva, o «viver para outrem». „No campo ético-político preconizava um regime de benemerência pelo qual os ricos, ditos chefes industriais, zelassem, via administração pública, pelo bem-estar dos pobres, ditos proletários.“³³

As idéias do positivismo chegam ao Rio de Janeiro na época das tentativas abolicionistas, após 1850. Só depois é que o positivismo se espalhou pelo resto do país, mais pelos anos 80 do século XIX.³⁴

O positivismo foi-se vinculando cada vez mais ao republicanismo:

„No Brasil a aliança dos positivistas com os republicanos se fez inicialmente nas salas de aula da Escola Politécnica e da Escola Militar. A figura de proa foi Benjamin Constant, professor de Matemática e verdadeiro guru dos jovens engenheiros e oficiais desde os anos 70 até a sua morte, quando já era celebrado como o “fundador da República”. [...]Propostas positivistas incorporadas à nova ordem republicana foram a separação da Igreja do Estado, a implantação do casamento e do registro civil e a secularização dos cemitérios. A divisa da nova bandeira nacional, Ordem e Progresso, representou talvez a vitória simbólica mais ostensiva da linguagem de Comte na construção do imaginário republicano.“³⁵

³¹ Idem, *ibidem*, p. 88.

³² Cf. Maria Teresa Chaves de Mello, “República vs Monarquia: a consciência histórica da década de 1880“, (*História Unisinos*, n. 14, 2010), p. 21.

³³ Alfredo Bosi, “O positivismo no Brasil: uma ideologia de longa duração“, (*Do positivismo à desconstrução: idéias francesas na América*, São Paulo: EDUSP, 2004), p. 158.

³⁴ Cf. Idem, *ibidem*, p. 162.

³⁵ Idem, *ibidem*, p. 174.

Como se verifica no trecho citado, o positivismo chegou a ser uma das ideias centrais dos republicanos e ganhou até representações formais na República.

2.3 Fim da Monarquia

Os aspectos tratados verificam, que o Império enfrentava-se a vários problemas. Alguns eram tão graves, que o regime já não se podia sustentar. O movimento republicano cada vez mais intenso eram dois fatores muito que contribuíram muito à queda da Monarquia. A circulação livre das novas ideias fez com que os órgãos da Monarquia perdessem o controle sobre as doutrinas difundidas. Cada vez mais monarquistas convencidos familiarizaram-se com as ideias positivistas. Pela sua proximidade à sede da Corte, o eixo principal de difusão das ideias e da cultura tornou-se a Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, com os seus estabelecimentos. Assim, as ideias positivistas chegaram até

„à população ágrafa, que aprende e apreende através do que vê e ouve nas ruas. Na rua, agora positivada e desejada, a nova cultura democrática e científica vai frequentar as poesias, os romances, os jornais, as revistas ilustradas, as conversas nas confeitarias, os desfiles carnavalescos. A estreiteza e a centralidade da rua do Ouvidor na vida do Império criou uma situação ótima para a difusão dessa novidade.“³⁶

Mais um aspecto que contribuiu significativamente à mudança de regime foi a importância que ganhou o Exército depois da Guerra do Paraguai.

2.4 Primeira República

Depois de uma revolução ao 15 de novembro de 1889, Brasil tornou-se uma República federativa liberal³⁷. Organizado sob o lema positivista “Ordem e Progresso“. A passagem foi pacífica, mas permaneceram alguns problemas da época anterior e também surgiram novos conflitos.

2.4.2 Exército

Os militares desempenharam desde o início uma posição importante na República, o governo provisório foi liderado por Deodoro da Fonseca, um marechal. Este, perdeu cedo a popularidade, porque floresceu a corrupção, o marechal fez tudo para proteger os veteranos da Guerra do Paraguai. Havia também uma oposição dentro do Exército, os veteranos agrupados à volta de Deodoro não eram positivistas e enfrentaram-se ao outro grupo, liderado por Floriano Peixoto. A insatisfação com a situação vigente tornou-se cada vez mais forte, e resultou na demissão do marechal Deodoro, quem foi substituído por Peixoto. Mesmo assim, a situação ia-se agravando, nas províncias houve revoluções, sufocadas pelo Exército. Os

³⁶ Maria Teresa Chaves de Mello, “República vs Monarquia: a consciência histórica da década de 1880“, p. 21.

³⁷ Cf. Boris Fausto. *História do Brasil*, p. 249.

incidentes levaram à necessidade de passar o poder às mãos de um civil, neste caso a um candidato de São Paulo, Prudente de Moraes.

2.4.2 Encilhamento

A República trouxe também novas realidades monetárias. Ocorreu um fenômeno de «febre de ações», os valores subiam muito rápido. As realidades sociais como a imigração crescente, mudaram os valores. Emitiram-se moedas, mas isto levou à inflação e falência de muitos negócios montados durante a época do encilhamento, muitas vezes produtos de especulação.

2.4.3 Canudos

A Igreja separou-se do Estado, já era livre o culto de todas as religiões. Infelizmente, isso não significava que tivessem terminado os enfrentamentos das seitas com as autoridades. No sertão da Bahia, formou-se um grupo de fanáticos em torno de Antônio Conselheiro. Este, um sujeito ambulante, «beato», instalou-se em Canudos, onde pregava para uma população de 20-30 mil pessoas. O governador da Bahia viu nisso uma rivalização com a Igreja, por isso quis acabar com o grupo. Depois de sofrer uma derrota, pediu para entrar o exército federal. Como Conselheiro falou sobre a volta da Monarquia, significava perigo para a República. Foram necessárias três expedições até a derrota de Canudos.³⁸

2.4.4 Política

A chegada da República não trouxe para o povo uma representação proporcional na política. O poder foi concentrado nas mãos de algumas poucas pessoas. Boris Fausto faz distinção entre «República oligárquica», República dos «coronéis» e República de «café-com-leite».³⁹ O mando tomaram basicamente as pessoas mais abastecidas da região, eleitos para representar os interesses do povo. Na realidade, só poucos compareceram às eleições e como o voto não era secreto, havia frequentemente fraudes. Na época da Primeira República, o poder alterava-se entre a região cafeeira de São Paulo e os representantes de Minas Gerais, onde se criava gado.

³⁸ Cf. Idem, *ibidem*, pp. 257-258.

³⁹ Cf. Idem, *ibidem*, p. 261.

3. Análise dos romances escolhidos

Os capítulos seguintes apresentarão a análise dos cinco romances da fase realista de Machado de Assis. Como estes já foram estudados inúmeras vezes por diversos pesquisadores, dedicar-nos-emos aqui somente à análise de um número limitado de aspectos que têm a ver com o tema desta tese, que é o retrato do contexto sócio-político da sociedade brasileira da segunda metade do século XIX. Concretamente, vão ser abordados fenômenos como ambições políticas da elite brasileira, as relações entre diferentes classes sociais, o movimento abolicionista, o declínio do sistema monárquico e a ascensão do republicanismo, a posição das mulheres, etc. O nosso objetivo é mostrar como nestes cinco livros o autor consegue, através de histórias particulares dos seus personagens, oferecer um vasto painel da sociedade brasileira em que ele viveu e retratar os principais acontecimentos históricos da época.

As análises vão ser apresentadas em ordem cronológica, isso é, na sequência como foram escritos e publicados os romances. A razão disso é que eles registram todo o período do Segundo reinado, seguindo a linha temporal do seu esplendor até o seu declínio e a derrota final. Além disso, existem vínculos intertextuais entre os dois primeiros livros, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba*, e os dois últimos, *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*. A trama de todos os cinco romances decorre sempre no mesmo lugar: no Rio de Janeiro, ou seja, no centro do Império e cenário dos cruciais acontecimentos políticos.

3.1 *Memórias póstumas de Brás Cubas*

O primeiro romance da fase realista de Machado de Assis foi publicado primeiro em forma de folhetim, na *Revista Brasileira*. Um ano depois, em 1881, publicou-se o livro, pela editora Tipografia Nacional, com algumas alterações em relação à versão da revista. É narrado pelo já defunto protagonista Brás Cubas e temporalmente abrange acontecimentos históricos desde a chegada da família real para o Brasil, passando pelo Período Regencial e pelo Primeiro e Segundo Império, até a sua crise final. O narrador-protagonista do livro é filho de uma família rica, que narra a sua história de um bacherel que não conseguiu tornar realidade as ambições do seu pai. Representante da elite da época, Brás Cubas, mostra sua arrogância já no modo como se dirige aos leitores: “a agressão de Brás aos leitores é sistemática, chama-os, intermitentemente, de obtusos, teimosos, afoitos, sensaborões, caluniadores.”⁴⁰

⁴⁰ Laíse Helena Barbosa Araújo, “A crítica de Machado de Assis ao bacharelismo do século XIX”, in *Intellèctus*, ano IX, n. 2, p. 15.

Brás começa pela narração da infância dele- de uma criança mimada, o primeiro amor e os estudos em Portugal. O bachelar não faz esforços em nada, só vive das rendas do pai. Este quer do filho um político, então o plano é o casamento com Virgília, filha de um conselheiro. Quando chega um rival, Lobo Neves, Brás é vencido e se cura nos braços de uma moça bonita, mas pobre: Eugênia. Por razões de diferenças sociais decide terminar esta relação e tem mais uma noiva, Eulália. Esta morre de febre amarela, o protagonista fica solteiro. Durante muito tempo mantém uma relação adúltera com Virgília e até logra entrar na Câmara, perdendo logo o posto. O romance termina com a morte de Brás Cubas.

3.1.1 Criação de uma origem elitista

Já nos primeiros capítulos, Brás fala sobre sua procedência. Um traço que une todos os fatos contados é a intenção de elevar o status da família por parte dos seus integrantes. O narrador menciona logo no início a “parteira minhota, que se gabava de ter aberto a porta do mundo a uma geração inteira de fidalgos,”⁴¹ mas crê que isto é só um exagero de seu pai, que é muito orgulhoso de ser o progenitor de um filho. A mesma hipérbole se aplica ao futuro que lhe adivinham os parentes: cada um projeta nele as próprias ambições: o padre gostaria que fosse cônego ou bispo, o tio, oficial da infantaria, lhe acha uma semelhança com Napoleão. A máxima articulação elevadora do status da família é a história dos antepassados, propositadamente alterada na forma como é contada ao menino Brás. O velho Cubas deixa de lado os avós que ganharam a fortuna e prestígio com trabalho duro, e começa a derivar a família de um tal Luís Cubas, que estudara em Coimbra e tivera relações com personagens importantes da sua época. O pai de Brás consegue com alguns truques alterar a história e indicar assim origem mais nobre da família e de seus posses, mas não até os elevar ao nível de aristocracia. Uma das tentativas de se inserir entre a elite é a escolha dos padrinhos do filho: um Coronel do Norte, que participara na guerra contra Holanda, com sua esposa. O pequeno Brás, para mostrar diante de todos o vínculo com gente tão considerada, é obrigado ainda muito miúdo a sempre recitar os nomes dos padrinhos: “Meu padrinho? É o excelentíssimo senhor coronel Paulo Vaz Lobo César de Andrade e Sousa Rodrigues de Matos; minha madrinha é a excelentíssima senhora dona Maria Luísa de Macedo Resende e Sousa Rodrigues de Matos.”⁴²

⁴¹ Joaquim Maria Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas* (Porto Alegre: L&PM Editores, 1997), p. 32.

⁴² Idem, *ibidem*, p. 34.

3.1.2. O bacharel em formação

Brás, filho varão único, recebe toda a atenção na casa e torna-se extremamente mimado. Como menino comete muitas injustiças para com os escravos, mas não pára por aí, também gosta de revelar informações escandalosas em meio da multidão. O pai castiga-o só aos olhos dos outros, mas normalmente reaciona com beijinhos e festinhas ao filho. Este acostuma-se muito rapidamente a mandar, e vive assim até conhecer Marcela, seu primeiro grande amor. É a primeira situação inversa: é ela quem controla a relação, exige prendas de Brás, e quando ele já desperdiça a fortuna, ela não tem problema de o largar. Ao socorro vem o pai: manda o filho a estudar em Coimbra.

Como já foi mencionado, o pai de Brás tinha grandes planos para o futuro do filho. Ele planejava para Brás uma carreira política, mas sem dizer-lho ainda, fê-lo embarcar para Portugal e estudar as leis. Como observa Laíse H. B. Araújo, “[o] direito, coisa vaga e difusa, apresentava-se, em uma sociedade baseada em relações privadas, como a única alternativa para todos aqueles que, sem vocação para outras carreiras, precisavam garantir, através de um curso superior, o ingresso na elite local.”⁴³ As universidades na época serviam, mais do que para criar especialistas nas respeitivas áreas, para preparar a jovem elite a entrar na política, ensinando-lhe a capacidade de uma retórica sofisticada, mas ao mesmo tempo, vazia.⁴⁴ Brás termina o curso mas, como confessa ele mesmo, os anos passados na universidade no caso dele compreenderam mais folgas e amores do que aprendizagem do Direito. Ele conclui que “o diploma era uma carta de alforria; se me dava a liberdade, dava-me a responsabilidade.”⁴⁵ Sente-se nesta frase uma certa ambiguidade: por um lado, ele está feliz por não ter de frequentar mais o curso que não acorda nenhuma vocação nele; por outro lado, ele sabe que mesmo sendo abastado, terá de fazer algo da vida, para cumprir com as vontades do pai.

Brás, voltando para o Brasil por causa da morte da mãe, enfrenta-se com as ambições do pai. Este, desejando um futuro glorioso para o filho, tira-o da melancolia vivida após o falecimento da mãe, apresenta-lhe as possibilidades: casar bem, ou entrar na política. Na verdade as duas coisas são a mesma: ao se casar com uma noiva de família de prestígio, abrem-se as portas para a Câmara. O velho Cubas escolhe como noiva Virgília, filha do conselheiro Dutra. A relação entre os jovens parece levar a matrimônio, porém, aparece Lobo Neves, outro

⁴³ Laíse Helena Barbosa Araújo, “A crítica de Machado de Assis ao bacharelismo do século XIX” p. 7.

⁴⁴ Cf. Lucas Mateus Vieira de Godoy Stringuetti, “Opressão e escravidão no episódio do vergalho em *Memórias póstumas de Brás Cubas*”, (*Revista Vernáculo*, n. 41, 2018), p. 89.

⁴⁵ Joaquim Maria Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, p. 63.

homem ambicioso, que, tendo mais hipótese de entrar na alta política, acaba se casando com a moça.

3.1.3 A vida da elite

A vida de Brás é tediosa, ele gasta o tempo em atividades ociosas, um bacharel de seu tipo nunca pensa a sério em trabalhar. Aliás, Brás sugere a Quincas Borba, um amigo de infância e um mendigo na época do encontro, que trabalhe. O bacharel se situa numa posição onde ele não pode ser cobrado por não fazer nada para ganhar a vida, mas olha com desdém para o mendigo que pede uma quantia pequena dos outros. Ele já nasceu com os bens, não tem que se esforçar para os ganhar.

A ambição de Brás é ingressar na elite política, sem ter posições formadas, não importa o partido, o fundamental é subir. Ele logra um lugar de deputado, mas quer mais, e na cobiça de ser ministro atreve-se a um discurso. Pronuncia-se com um tópico absurdo: sugere economizar ao “diminuir a barretina da guarda nacional”.⁴⁶ Recebendo só reações negativas, ele resolve realizar-se por meio de um jornal, para que seu nome ainda ressoe nos círculos altos. O povo não estava envolvido nos assuntos políticos, nem chegou a saber das novidades da Câmara, pois os jornais dirigiam-se aos que estavam no poder e à oposição⁴⁷, fato sublinhado também pela linguagem neles usada, inacessível de compreensão ao povo de pouca educação.

No jornal, Brás apresenta seu programa político, baseado no Humanitismo, sistema filosófico que lhe ensinou Quincas Borba. No artigo sugere a mudança dos partidos, citando autores franceses, escrevendo em estilo adornado, com ênfase na terminologia do sistema ideológico do Humanitismo. Como aponta Araújo, seu programa “em essência, não ensina outra coisa senão o deslocamento do partido que manda por outro que quer mandar. Nessa manipulação de formas e palavras, os ingredientes dos dois partidos tradicionais se misturavam e confundiam, em perfeita harmonia ao espírito da política imperial.”⁴⁸

Ao elenco dos homens ambiciosos, como Brás e o seu pai (na verdade é ele quem está por trás das ambições do filho e morre abatido pela desilusão), une-se a figura de Lobo Neves. Este «rouba» Virgília de Brás e consegue o lugar de ministro. É, porém, ridiculizado pelo autor, pois não aceita o posto por superstição, sendo a nomeação num dia 13. Aparentemente, ele ganhou, mas no fundo é um homem traído pela mulher. Ele, sem noção disso, oferece a Brás a

⁴⁶ Idem, *ibidem*, pp. 215-216.

⁴⁷ Cf. Laíse Helena Barbosa Araújo, “A crítica de Machado de Assis ao bacharelismo do século XIX”, pp. 5-8.

⁴⁸ Idem, *ibidem*, p. 13.

posição de secretário. No final não chega a ser ministro, morre pouco antes de tomar posse da função.

As mulheres das camadas altas da sociedade também ganham representação no romance. Virgília, filha do conselheiro Dutra, aparece na vida de Brás depois de este ter namorado com a espanhola Marcela, uma mulher controladora e cobiçosa; e com Eugênia, moça angélica, mas filha bastarda e coxa. Virgília é muito atrevida e apesar de ser muito nova, calcula e escolhe o que mais lhe convém. A moça opta por casar com Lobo Neves, que promete mais do que Brás: fazê-la marquesa. Porém, Virgília não tem escrúpulos, mantém mais tarde uma relação adúltera com Brás e é sobretudo ela quem organiza os encontros. Concluindo com as palavras de Roseana Figueiredo, trata-se de uma mulher que “faz questão do bom e do melhor, que quer a liberdade no amor sem o prejuízo da vida familiar sólida-a união do progresso europeu e o arcaísmo colonial.”⁴⁹ Virgília mantém a aparência de mulher casada exemplar, mas ao mesmo tempo está traindo o marido. Esta imagem vale também para a falsa religiosidade dela: tem em casa um oratório de jacarandá, uma verdadeira obra de arte, mas no fundo não compartilha os valores católicos. Contudo, seus cálculos não dão certo, não só em relação à realização política do marido, mas também quando finge amizade e preocupações com um rico moribundo em vista de herança, que afinal não lhe toca.

Entre as figuras ambiciosas e cobiçosas no romance encontra-se também um representante da igreja: o cônego Ildefonso. Este tio de Brás tinha uma única ambição na vida – subir na hierarquia eclesiástica. Achava prazer nas cerimônias mais pela aparência do que pela essência dos atos sagrados: “Não era homem que visse a parte substancial da Igreja; via o lado externo, a hierarquia, as preeminências, as sobrepelizes, as circunflexões. Vinha antes da sacristia que do altar.”⁵⁰

3.1.4. A camada livre mas miserável

Aparecem no romance também várias personagens que ocupam uma posição social mais baixa. A já mencionada Eugênia é uma menina muito bonita, madura, encantadora. Brás opta por terminar o namoro por questões de hierarquia social. Eugênia nasceu de uma relação extraconjugal, por isso não é uma candidata conveniente para casar com um mancebo rico, aspirante de política. O bacharel não confessa a razão verdadeira, mesmo quando Eugênia lho atira na cara, e Brás insiste em se convencendo a si mesmo que a culpa radica no facto de a

⁴⁹ Roseana Nunes Baracat Souza Figueiredo, “A crítica social em *Memórias póstumas de Brás Cubas*”, (*SCRIPTA*, v. 3, n. 6, Belo Horizonte, 2000), p. 184.

⁵⁰ Joaquim Maria Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, p. 37.

moça ser coxa, o que é claramente uma escusa muito absurda. No fim do romance, Brás, na altura membro de uma Ordem Terceira, na ocasião de uma visita a um hospital reencontra Eugênia, num estado precário. O destino dela é então parecido com o de Marcela: esta também é revista por Brás numa loja, envelhecida antes de tempo, doente e em dívidas. Parece, portanto, que a elevação social não é alcançável para os que não nascem na elite.

O personagem de Quincas Borba é mencionado pela primeira vez ainda menino, como o mais esperto da turma. Reaparece mais adiante, na narrativa, como um mendigo que recusa a esmola de Brás mas, na ocasião, furta-lhe o relógio. Quincas desenvolve um sistema filosófico chamado de Humanitismo e explica-o a Brás, e esse o acaba aplicando no seu programa político. O filósofo enriquece, mas não graças ao esforço ou à filosofia: torna-se herdeiro de um tio rico.

Exceto os escravos, na posição social mais precária se encontra Dona Plácida. Esta filha natural, cuja vida parece uma série de desgraças, trabalha durante toda a vida, mas mesmo assim vive na miséria. O único período um pouco melhor é quando serve em casa de Virgília. Brás, encontrando um pacote de dinheiro, entrega-o a Dona Plácida. O dinheiro serve para ela comprar uma casa, e a velhota paga o favor de Brás escondendo os namorados nela durante os seus encontros. Verifica-se que, para sobreviver, a pobre agregada de Virgília tem que fazer tudo para os patrões. Dona Plácida não concorda com o adultério, sente nojo por «participar no crime» encobrindo-o, mas está consciente de que é preciso fazê-lo para não perder o teto. Mostra-se na história da Dona Plácida a arrogância de Brás, que chega à conclusão de que a utilidade da vida da agregada resume-se ao encobrimento dos amores proibidos da patroa.⁵¹ Cubas procura a explicação de tudo na filosofia do Humanitismo, justificando com suas idéias mesmo as ações moralmente erradas. Atribui, por exemplo, ao destino o fato de ter encontrado o dinheiro do qual pagou a casa da Dona Plácida. Assim, em sua perspectiva, todas as circunstâncias em sua vida surgem para servir à vontade dele.

3.1.5. Escravidão

A classe mais miserável é a dos escravos. A instituição de escravidão está, no início da vida de Brás, ainda em seu auge, ao país chegam mais e mais africanos. O pequeno Cubas comete alguns incidentes muito cruéis: agrade a uma escrava por não receber um doce, monta um dos meninos negros, Prudêncio, como uma besta e dirige-lhe muitos xingamentos. Estas atitudes não são consideradas erradas pelos pais e por outros representantes de classes altas,

⁵¹ Cf. Idem, *ibidem*, cap. 124.

pois o o filho só está imitando o que vê nos maiores: “Cubas cresceu sobre esse contexto histórico e cultural da sociedade escravocrata colonial, provavelmente repetindo comportamentos agressivos que observava.”⁵²

Quando falece o pai de Brás, há uma discussão por causa da herança entre Brás e seu cunhado, Cotrim. Podemos reparar em certa coisificação dos escravos, pois fala-se na divisão deles da mesma maneira como se fala da prata ou a da casa, cujo valor é sujeito à inflação. Nesta ocasião é revelado que Prudêncio já foi libertado pelo velho Cubas há muitos anos atrás. Chegamos então ao período do declínio gradual da escravidão, quando os escravos já não necessariamente serviam até a morte e podiam, eventualmente, receber uma carta de alforria de seus donos.

A escravidão, nesse período, começa a ser mal vista pela sociedade, mas sobre isto nos informa o narrador só de uma maneira indireta. Na descrição de Cotrim, Brás confessa que o cunhado estava às vezes muito duro com os escravos, mas ao mesmo tempo tentava justificar as ações dele por duas vias. Primeiro, a escravidão como instituição formava parte da sociedade brasileira durante séculos; segundo, ele castigava de modo exagerado só aqueles que eram problemáticos. Como as atitudes de Cotrim eram criticadas por alguns, pode-se pressupor que a opinião pública acerca dos escravos começasse a mudar.

A cena mais significativa do livro, no que se refere aos escravos, é a do vergalho. Certo dia, Brás é testemunha de um quadro muito cruel: vê um negro batendo com chicote o outro, tratando-o com adjetivos com os quais ele próprio costumava tratar aos escravos, sendo criança ainda. Descobre que quem está castigando o pobre negro é o já livre Prudêncio. Ele tornou-se dono de escravos e retomou atitudes dos seus ex-donos. Quando se apercebe da presença de Brás, muda a sua posição, já é ele quem manda ao escravo, mas ao mesmo tempo ainda obedece ao ex-patrão. Cubas, pensando no assunto, chega à conclusão que

“[e]ra um modo que o Prudêncio tinha de se desfazer das pancadas recebidas -transmitindo-as a outro. Eu, em criança, montava-o, punha-lhe um freio na boca, e desancava-o sem compaixão; ele gemia e sofria. Agora, porém, que era livre, dispunha de si mesmo, dos braços, das pernas, podia trabalhar, folgar, dormir desagrilhado da antiga condição, agora é que ele se desbancava: comprou um escravo, e ia-lhe pagando, com alto juro, as quantias que de mim recebera. Vejam as sutilezas do maroto!”⁵³

No capítulo seguinte, usando uma parábola, Brás aprofunda sua teoria: vindo de um âmbito, onde se repetem atitudes agressivas, as pessoas ficam marcadas. Tantos castigos físicos

⁵² Cf. Lucas Mateus Vieira de Godoy Stringuetti, “Opressão e escravidão no episódio do vergalho em *Memórias póstumas de Brás Cubas*”, p. 79.

⁵³ Joaquim Maria Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, p. 135.

e o abuso mental enche o indivíduo de dor e amargura, que ele tem de descarregar em alguém outro, no caso de Prudêncio em outro escravo.

A temática desta cena aponta para um problema importante da época: a inserção dos escravos libertos na sociedade. Na visão de Lucas Mateus Vieira de Godoy Stringuetti,

“sistema escravocrata e senhorial brasileiro, que, pensando apenas em explorar o escravo em benefício próprio, fazia com que os senhores apreciassem apenas o resultado da produção e não trabalhassem no sentido de educar, proteger e dar assistências e garantias aos escravos, fazendo com que estes pudessem manter-se dentro dos padrões de vida da sociedade da época, e até mesmo após a desagregação do regime escravocrata e senhorial, em que os exescravos passaram a ter contato com a sociedade de classes⁵⁴.”

Concluindo, na sociedade brasileira da época, os sujeitos que trabalhavam o dia todo, sem parar, não tinham chance de vivenciar o funcionamento do mundo dos livres, por isso não sabiam como se deviam comportar. Não restava nada mais do que copiar as atitudes dos patrões.

3.1.6 O narrador defunto e a Natureza

Como foi apontado, a narração é feita por um narrador já defunto. Se nos focamos no aspecto que o espírito do narrador sobrevive após a morte física e conta do “além” como é a passagem para o outro estado, podemos concluir que o livro encaixa no ideário do Espiritismo. Como aponta Paulo César da Conceição Fernandes, “Brás Cubas, mais do que um morto que fala, surge como um médium do mundo dos mortos, tanto que o ‘subtítulo’ da obra é ‘obra de finado, ditado do outro lado do mistério’. Brás Cubas volta para nos contar como vivem os mortos, fenômeno que é uma das principais premissas do espiritismo.”⁵⁵

Já Alfredo Bosi sublinha outro aspecto importante, comentando o encontro de Brás com a Natureza. Ele vê na atuação da Natureza a justificação dos comportamentos de personagens cobiçosas, que «mordem a mão que alimenta».

“A Natureza, fonte primeira de toda a história dos homens, aparece como um ser frio, egoísta, surdo às angústias daqueles que ela mesma gerou. “*Sim, egoísmo, não tenho outra lei. Egoísmo, conservação.*” A máscara é, portanto, uma defesa imprescindível, que vem de longe, de muito longe, como a pele do urso e a cabana de paus arrumadas pelo selvagem para se proteger do sol, do vento, da chuva. Se toda civilização é um esforço de defesa contra a mãe-madrasta (“Sou tua mãe e inimiga”), por que negar ao deserdado social o direito de abrigar-se à sombra do dinheiro e do poder? Por que exigir que ele se furte ao “estatuto universal” pregado pela própria Natureza: “quem não devora, é devorado”? A viagem de Brás Cubas, feita ao arpejo dos séculos, na direção das origens, alcança o Éden; mas que estranho paraíso perdido esse lugar sonhado em tantas mitologias! Aqui, nada de prados amenos nem de vergéis aquecidos pelo sol glorioso do Oriente. [...] No princípio, era a Necessidade. Mas é imperioso superá-la. Os meios para obter o calor da segurança estão legitimados. A máscara está justificada pela marcha da civilização. Que a moral tradicional, vãmente idealista, se torça e se inverta sob todos os sofismas

⁵⁴ Lucas Mateus Vieira de Godoy Stringuetti, “Opressão e escravidão no episódio do vergalho em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*”, pp. 83-84.

⁵⁵ Paulo César da Conceição Fernandes, *As Origens do Espiritismo no Brasil: Razão, Cultura e Resistência no Início de uma Experiência (1850-1914)*, tese de mestrado, (Brasília, 2008), p. 101.

que a argúcia humana puder inventar, contanto que o indivíduo alcance libertrar-se daquelas origens frias, carentes, molestas.”⁵⁶

3.1.7 Brás e o Brasil

Finalmente, não podemos deixar de lado algumas noções que mostram uma ligação forte entre os acontecimentos na vida de Brás e as mudanças vivenciadas pela sociedade brasileira.⁵⁷ Brás nasce pouco antes da chegada da família real para o Rio. Com a independização do Brasil, o Brás adolescente conhece a primeira namorada, Marcela. Descreve as circunstâncias assim: “[é]ramos dois rapazes, o povo e eu; vínhamos da infância, com todos os arrebatamentos da juventude.”⁵⁸ Depois de ter estudado em Coimbra, começa o namoro com Eugênia e Virgília, na época da Regência. Com a instalação do Segundo Reinado, abre-se uma segunda chance para Brás e Virgília. O narrador sobrevive quase até o fim do Império, perde uma noiva por causa da febre amarela e Quincas Borba lhe apresenta o Humanitismo, que pode indicar a mudança de curso na forma de governação do país. Brás morre pouco antes da queda da Monarquia, já numa atmosfera do nascimento de ideias republicanas.

A ligação estreita do Brasil com Brás é sublinhada também pelo caráter similar dos nomes do país e do protagonista. Outro aspeto que sobressai é que cada época é representada por uma mulher diferente e, se elas fracassam na vida, as instituições caem também. O último paralelo que comentamos aqui tem a ver com a sobrevivência do narrador mesmo após a morte: o Brasil também renascerá depois da queda do Império, mas em forma diferente, como República.

3.1.8 Considerações finais

O primeiro romance analisado convida o leitor a observar o mundo da elite carioca dos dois Impérios. Verifica-se o egoísmo dos membros da classe alta, sua ambição de entrar na vida política, sem estarem propriamente interessados nela. Tudo é regido por questões de prestígio, os bacheréis arrogantes não trazem dos estudos na Europa mais do que frases decoradas com falta de sentido. O livro mostra também a impossibilidade de melhoramento de status social das pessoas no Império, nenhuma dos personagens logra subir: Brás não consegue manter o posto na Câmara e não casando com Eugênia e Eulália não sobem nem elas; Lobo Neves também não entra, negando desta forma o título a Virgília. Abre-se também a questão da abolição: o Brasil

⁵⁶ Alfredo Bosi, *Machado de Assis: O enigma do olhar* (São Paulo: Editora ática, 1999), pp.87-88.

⁵⁷ Cf. Luís André Gonçalves Werlang; Juracy Ignez Assmann Saraiva. “Percurso da história inscritos em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*”, (*Anais de Seminário Internacional de Educação*, v. 4, 2006), disponível em: <https://www.feevale.br/hotsites/seminario-internacional-de-educacao/edicoes-anteriores/xv-seminario-internacional-de-educacao---2016>, (acesso em: 30/11/2019) p. 6.

⁵⁸ Joaquim Maria Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, p. 47.

enfrenta-se com o problema dos escravos libertos, que não têm pré-requisitos para se inserirem na sociedade, não tendo recebido educação nenhuma e não existindo um lugar adequado para eles fora da casa dos patrões.

3.2 *Quincas Borba*

O romance *Quincas Borba* foi primeiro publicado em *A Estação*, de 15 de junho de 1886 a 15 de setembro de 1891. Em livro foi editado no ano 1892 pela Garnier, com mudanças significativas em relação à versão em folhetim.⁵⁹ O romance segue às *Memórias póstumas* temporalmente, pois abrange já em plenitude os temas que levaram à crise da Monarquia, e mantém uma relação intertextual com o romance anterior. O personagem de Quincas Borba liga os dois livros e expõe com mais pormenores a sua filosofia de Humanitismo.

A narração começa com a introdução de Rubião, ex-professor. Este herdou a fortuna de Quincas Borba, filósofo enloquecido. Rubião resolve se mudar de Minas para a Corte e começar uma vida nova. Conhece logo Cristiano Palha, um especulador quem vê nele um objeto para ser saqueado: faz com que Rubião se apaixone por sua mulher, Sofia, e pouco a pouco lhe tira o dinheiro. Rubião está completamente enredado na atração pela mulher e torna-se escravo dessa paixão. A herança se está esgotando, Palha é cada vez mais rico e quer se livrar de Rubião. Este não é só prisioneiro de Sofia, mas também do Humanitismo, sistema filosófico desenvolvido por Quincas Borba. No final perde a cordura e é dominado por um personagem inventado dentro dele: Napoleão III. Acaba morrendo na miséria, na indiferença dos Palha.

3.2.6 Humanitismo

As ideias que chegaram da Europa para o Brasil na segunda metade do século XIX, e começaram a difundir-se e incluir-se nos programas dos partidos políticos, deixaram marcas também na obra de Joaquim Maria Machado de Assis. Como reação às correntes filosóficas da época, o autor cria através do personagem de Quincas Borba um novo sistema, o Humanitismo, que anuncia já nas *Memórias póstumas* e que ganha mais espaço no romance *Quincas Borba*. A ideologia criada pelo personagem constrói-se na base de ironizar as “filosofias vigentes no século XIX: o determinismo, o evolucionismo e o positivismo.”⁶⁰

Para verificar a presença das correntes filosóficas acima mencionadas no Humanitismo, basta analisar as parábolas que Quincas Borba utiliza para explicar sua filosofia ao discípulo, Rubião. A primeira descreve a morte da avó do filósofo. Ele narra a série dos acontecimentos, mas o que é importante, ele indica o impulso principal: a fome do cocheiro – na teoria de Quincas a fome de Humanitas, ou seja, da substância. A situação era composta de vários acasos que levaram ao acidente, mas ao mesmo tempo destaca-se que devia acontecer assim, a

⁵⁹ Cf. Anderson da Costa Xavier, *Machado de Assis: o pensador poético*, tese de doutorado (Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2014), p. 107.

⁶⁰ Idem, *ibidem*, p. 109.

sequência dos acontecimentos tinha de propósito terminar com a vida da avó. Aqui se verifica a teoria de determinismo.

Outra parábola fala sobre duas tribos que lutam por batatas para sobreviver. Se dividirem o botim, não terão quantidade suficiente para alimentar as duas tribos. Derrotando uma tribo à outra, conseguem alimentar-se e deslocar-se para outro lugar, onde há mais batatas. Resumindo a teoria, deve sobreviver o mais forte, porque a sobrevivência de todos não é possível, levaria à perda das duas tribos. Manifesta-se aqui uma adaptação radical do evolucionismo.

Finalmente, devemos observar o teor científico nas explicações do filósofo, como no caso do exemplo das bolhas de água. Ele compara a substância com a água que está fervendo, dizendo que os indivíduos são só transitórios como as bolhas da água – surgem dela e desfazem-se logo para depois voltarem a aparecer em forma de uma bolha diferente. A teoria é baseada em factos científicos, tendo um sabor de positivismo. Porém, é importante não confundir os termos, pois, segundo Miguel Reale,

[n]ão há maior equívoco do que relacionar o Humanitismo com a Religião da Humanidade que assinalou a última fase do pensamento comtiano, convertendo-se no Apostolado Positivista, que encontrou no Brasil representantes de prol. É claro que Machado de Assis não podia deixar de arremessar um dardo sarcástico contra a seita intolerante que tentou empolgar os destinos da República, inclusive com a alusão de Quincas Borba ao último volume de sua obra, por sinal que “a parte mais enfadonha”, toda dedicada ao problema político⁶¹.

Ainda se deve observar a relação do Humanitismo com o cinismo. Apontam para isso o nome de Quincas, ou seja, de Joaquim; e Diógenes, o cahorro, símbolo dos cínicos, que no romance encarna o filósofo. A filosofia de Quincas é cínica e obscena, porque deixa aos mais potentes fazer o que quiserem.⁶² As relações de poder funcionam como na natureza, respeitam as regras da cadeia alimentar, pois os mais fortes devoram aos mais fracos.

Ao observar o trecho em que Quincas explica os princípios do Humanitismo a Brás Cubas, podemos deparar com o caráter individualista da filosofia. O filósofo descreve o processo de como chegou a comida à boca dele, dizendo que todos os passos feitos até lá foram executados com o único objetivo – de servir a ele. Nota-se então o teor individualista do Humanitismo, que sustenta a ideia do prazer do indivíduo, de não considerar o grupo: “O que para muitos configura egoísmo, para o filósofo não passa da satisfação de uma necessidade, da

⁶¹ Miguel Reale, *A filosofia na obra de Machado de Assis & Antologia filosófica de Machado de Assis*, (São Paulo: Pioneira, 1982), disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/media/prosa44a.pdf>, (acesso em 20/11/2019), p. 26.

⁶² Cf. Sérgio Alves Peixoto, “Parábolas são parábolas, nada mais que parábolas: uma leitura de *Quincas Borba*, de Machado de Assis”, (*O eixo e a roda*, v. 7, UFMG, 2001), p. 23.

vontade de viver.”⁶³ Tal como a sua própria satisfação não leva em conta os sacrifícios do outro, de modo igual o seu esforço não se destina para contentar ao outrem. Um dos exemplos mais concretamente articulados é a invenção do emplasto por Brás Cubas que, antes de pensar em ajudar os demais com a eliminação da dor, pensa na glória, em ler o próprio nome em todos os lados, sonha com a fama.

Como se verifica na parábola das bolhas, o sistema filosófico não considera os indivíduos, e, indo mais além, nem distingue a raça humana das coisas. Sofia torna-se só uma armadilha, deve enredar Rubião para que o marido ganhe acesso ao capital dele. Segundo Quincas, “[b]olha não tem opinião,”⁶⁴ o que podemos entender de modo que quem não lidera, não tem voz. Aplicando isso à situação política vigente, significa que o povo sem recursos não se consegue expressar. O filósofo justifica deste jeito a desigualdade social e a existência do sistema escravocrata. Indo mais longe, ele se identifica com Santo Agostinho quem “apresentou uma justificativa ‘divina’ para a escravidão, ao argumentar ser ela parte da punição pela perda humana de seu estado de graça.”⁶⁵ Quincas compara a própria vida e obra com a do santo e, no estado final de sua loucura, pensa que são a mesma pessoa. O Humanitismo “atribui caráter de necessidade aos atos cometidos pela pura manifestação da vontade patriarcal, como se pode observar na falta de qualquer justificativa plausível nos argumentos arbitrários apresentados por Quincas Borba.”⁶⁶

Das ideias acima expostas verifica-se que as teses do Humanitismo se encaixam bem no repertório ideológico absolutista. Podemos então considerar o Humanitismo como justificação do sistema imperial, onde o Imperador tem grande autoridade e manda aos súbditos.

Por último, cabe mencionar que tanto Quincas como Rubião, ao deixarem que o Humanitismo se apoderasse deles, tornaram-se presos dessa ideologia e nas consequências enloqueceram. Deste estado já houve só uma saída: a morte. Podemos então entender tudo isto como alegoria do perigo das correntes ideológicas da época, caso levadas ao extremo.

3.2.2 Rubião: de professor a capitalista

O personagem principal do livro é Pedro Rubião de Alvarenga, que provém de Barbacena, cidade mineira. Já nas primeiras linhas do romance temos informações sobre

⁶³ Anderson da Costa Xavier, *Machado de Assis: o pensador poético*, p. 87.

⁶⁴ Joaquim Maria Machado de Assis, *Quincas Borba* (Porto Alegre: L&PM Editores, 1997), p. 22.

⁶⁵ Laila Correa e Silva, “A política imperial em *Quincas Borba*: um diálogo entre a história e a literatura”, (*Humanidades Em Diálogo*), disponível em <https://doi.org/10.11606/issn.1982-7547.hd.2017.140546>, (acesso em: 20/11/2019), p. 159.

⁶⁶ Idem, *ibidem*, p. 154.

a profissão dele: „Que era, há um ano? Professor. Que é agora? Capitalista.“⁶⁷ Ainda como professor em Minas Gerais, ele quer casar sua irmã com Quincas Borba, mas como ela morre, o plano não se realiza. Quincas já está doente, por isso Rubião deixa o magistério e torna-se enfermeiro do filósofo, mas não é um ato de altruísmo: ele conta com receber parte da herança depois do falecimento de Quincas. Mora com o filósofo como um agregado, um homem livre, mas sem posses, fazendo-lhe companhia. O filósofo, já na condição de alienado mental, explica-lhe os princípios do seu sistema de ideias antes de morrer. Como o discípulo e seu cachorro, também chamado Quincas Borba, são os únicos que o acompanham nos últimos dias, ele proclama Rubião seu herdeiro universal. O ex-professor livra-se logo do cachorro, mas sendo cuidar dele condição de receber a herança, busca-o imediatamente. O abandono de Quincas Borba não pode-se considerar como traição ao dono dele, da parte de Rubião. Mesmo depois de o cão ter sido recuperado, o criado de Rubião trata-o mal, dando-lhe pancadas até o final.

Rubião decide deixar Minas e mudar para o Rio. Já no início vem à toa a ingenuidade deste novo capitalista: ele não teve de fazer especulações financeiras, enriqueceu de repente, sem saber como lidar com a responsabilidade que o dinheiro traz e com as relações pessoais que o dinheiro implica. Ao conhecer o casal Palha, ele não suspeita as verdadeiras intenções por trás da amizade e conselhos destes «alpinistas sociais». A Corte é um mundo diferente, com regras distintas, que Rubião desconhece. Ele deixa-se seduzir pelo luxo material: rodeia-se de objetos de valor, como bandejas de prata ou chinelas de Túnis, de decoração de estilo europeu. Tudo isso por sugestão de Palha. A ambição de Rubião não se esgota, porém, nos objetos, ele cobiça a mulher do amigo, a bela Sofia. Não percebe que a atuação da senhora tem justamente o fim de o atar aos jovens especuladores. O ex-agregado, de repente, não sabe a quem servir e acaba escolhendo Sofia com este fim.

Rubião deixa-se convencer a realizar investimentos, não tendo experiências na área de finanças e confiando cegamente nos planos de Palha. Como observa Raymundo Faoro, a trama do romance descreve uma mudança significativa na sociedade brasileira: se antes a tendência era investir “em escravos, apólices e imóveis. Rubião, trinta anos depois, inverterá a herança em: ações, apólices e imóveis. Há um elemento novo e singular: as ações de companhias e casas comerciais, justamente o setor que levará o mineiro de Barbacena à ruína.”⁶⁸ Essas áreas novas

⁶⁷ Joaquim Maria Machado de Assis, *Quincas Borba*, p. 13.

⁶⁸ Raymundo Faoro, *Machado de Assis: A pirâmide e o trapézio* (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974), p. 218.

levaram a muita especulação, eram imprevisíveis e acabaram arruinando muitos, inclusive Rubião. Palha sabe calcular muito bem, prevê quando deve sair das negociações para se safar.

O dinheiro não era suficiente para alimentar as ambições na época. Os homens cobiçavam postos importantes na política e junto com a família queriam adornar os seus nomes com títulos. Cristiano Palha abandona o negócio com Rubião justamente para se tornar barão, já este quer adornar com título sua desejada Sofia e ser marquês de Barbacena.

3.2.3 Aspirações políticas

Rubião tenta engajar-se também na política. Entra no momento em que por questões da emancipação dos escravos se articula uma crise que desemboca no questionamento do poder do Imperador. Este não se apressa com a abolição e promove o conservador visconde de Itaboraí. Os liberais não se atrasam em reagir: as falas de seus representantes criticam a hostilidade quanto à questão dos escravos, chegam até a questionar a legitimidade dos atos da Coroa.⁶⁹ Rubião é mais impressionado pela atmosfera que há na Câmara, pelo ar de prestígio que tem, do que interessado nas questões lá discutidas. Sente-se atraído pelo clima, por poder pertencer àquele mundo exclusivo, reservado só a poucos. Apercebe-se disso Camacho, mais um personagem que se pretende aproveitar do capital de Rubião, e faz com que este caia na trampa dele. Convence-o de patrocinar um jornal político, a *Atalaia*.

Camacho é um homem ambicioso, formado em direito, que se dedicava ao jornalismo e depois passo a passo ingressou na Câmara dos Deputados, na qualidade de presidente de província. Sonhava com obter uma pasta de ministério, mas com falta de aliados não tinha sucesso. Finalmente foi obrigado a deixar a política e dedicar-se à advocacia. Advogado medíocre, não tem problemas de sobrevivência, mas ele não se contenta com a vida burguesa, aspira outra vez a entrar na política. Volta ao jornalismo, fundando a *Atalaia*. Com medo de o jornal ser cancelado e de ele cair em esquecimento, faz tudo para sustentar a *Atalaia*. Trata-se de um jornal de oposição, com artigos cheios de lugares comuns e frases latinas, que se expressam por exemplo contra a Lei dos Ingênuos. Camacho usa ideias de “autores franceses, embora maltraduzidos,⁷⁰ não dominando bem a língua francesa – é um ponto que tem em comum com Rubião. Aprender francês é questão de moda de época, como se verifica quando Sofia aconselha a Maria Benedita aprendê-lo junto com tocar piano, para casar melhor.

⁶⁹ Cf. Laila Correa e Silva, “A política imperial em *Quincas Borba*: um diálogo entre a história e a literatura”, pp. 157-159.

⁷⁰ Joaquim Maria Machado de Assis, *Quincas Borba*, p. 95.

Entre aqueles que têm esperanças políticas não pode faltar o personagem de Teófilo. Este deputado de Alagoas, que junto com a mulher, D. Fernanda, frequenta a casa do Palha; é muito meticoloso, trabalha com muita responsabilidade. Seu gabinete é perfeitamente organizado, os documentos e livros todos em ordem. Ele trabalha por muitos colegas, estes tentam subir não com méritos, mas com bajulação. Teófilo dedica tudo ao trabalho, parece amar mais os livros do que a mulher. Ao saber que haverá novo governo, ele está cheio de esperanças, sente que merece um cargo na Câmara. A desilusão dele é enorme quando lhe comunicam que o lugar já está ocupado, mas há cargo também para ele: na província. Teófilo, mesmo que com alguma amargura, aceita e parte. “[Teófilo], na verdade, não era intrigante, leviano, nem farsante, mas tinha um defeito maior: estava fora do jogo. Sua atividade correta, metódica, feita de trabalho constante, o deslocava da verdadeira esfera do poder, que distribui pastas e galardoa a esperteza.”⁷¹ Teófilo tem que se conformar com o fato de os postos na Câmara virem já anteriormente repartidos, não é importante trabalhar ao máximo, mais importantes são as conexões.

3.2.4 Os impostores, Palha e Sofia

O casal Palha é uma equipe de oportunistas. Cristiano é cego de ambição: não tem escrúpulos para com Rubião, pois saqueia-o totalmente. Consegue fazê-lo de tal maneira que este não repara em nada. Mostra-se que é muito esperto, logo após de conhecer Rubião ele apercebe-se da oportunidade. Sabe calcular muito bem quando deve excluir Rubião: quando terá meios suficientes, e também quando se esgotarão aqueles do ex-professor. Ele usa a mulher como isca para ter Rubião por perto e para que este se sinta obrigado a fazer negócios com ele. A mulher está ciente do jogo e obedece ao marido, mas em alguns momentos parece ficar preocupada. Ela gosta de se exibir, mas a atenção do Rubião já alienado não lhe agrada. No final, nem Palha, nem Sofia se importam com o doente. Além disso, com a elevação na sociedade eles deixam para trás os círculos que frequentavam nos inícios, ignorando os que não lhes trazem proveito. A colaboração do casal é exitosa, os dois têm a mesma visão e vão atrás dela. A sua subida na ladeira social é visível também no estilo: Sofia usa cada vez roupa mais fina, à moda europeia. A mulher consegue subjugar Rubião de tal maneira que este, já alienado, a titula de imperadora, sendo ele o imperador.

⁷¹ Raymundo Faoro, *Machado de Assis: A pirâmide e o trapézio*, p. 124.

3.2.5 Escravidão

Tratando-se da época na qual se discutia a possível emancipação dos escravos, não podemos deixar à parte o tema de escravidão. Os escravos aparecem pouco no romance, pois logo no início é possível deparar com um fenômeno novo: a troca de escravos negros por estrangeiros. Palha aconselha a Rubião ter empregados brancos, assim é que ele arranja um espanhol e um francês. O que acontece é que o criado crioulo que Rubião trouxera de Minas “foi degradado a outros serviços.”⁷² Anuncia-se desta forma um novo capítulo na história do país: a substituição dos escravos pelos imigrantes.

Outra cena, mais intensa, dá-se quando Rubião, na dúvida qual tálburi deve escolher, lembra-se de repente de uma memória da infância. Ele quer fugir com os pensamentos, para não ter de decidir na hora se deve continuar nas tentativas de conquistar Sofia, mas a memória que vem não ajuda. Ainda criança, durante uma estadia no Rio, ia caminhando para a casa dos hóspedes. Porém, deparou com uma multidão, que se concentrava ao redor de dois pretos. Rubião ouviu como liam -uma sentença e não soube decidir se vencida nele a curiosidade ou a ânsia. Mesmo sem querer ir lá, a curiosidade se apoderou dele e quase inconscientemente seguiu a multidão, rumo a ver uma execução de escravos pública. O jovem Rubião ficou lá a ver a cena, que era, aliás, um “espetáculo público gratuito, assim como a missa e as procissões religiosas.”⁷³ O que é diferente desta cena em comparação com outras nas quais aparecem escravos é que desta vez eles têm protagonismo, levantam a curiosidade do público. Não é por acaso, na época quando Rubião lembra da cena, os escravos protagonizam os debates políticos, discute-se a abolição deles.

3.2.6 O fim de uma época: falência e alienação

Já comentamos como Rubião, que se tornou rico de repente, sem muitos anos de esforço, não encaixava bem ao Rio, cheio de arrivistas. Primeiro, alguns oportunistas procuravam a companhia dele, mas quando já não precisavam do seu capital, respetivamente, tinham-no esgotado, afastaram-se dele. Rubião ainda tentava fazer com que não ficasse abandonado, fazendo-se membro de várias sociedades e convidando muitas pessoas a casa, mas o resultado era que estas pessoas também acabaram por tomar posse daquilo que lhe restava.

Rubião trata de garantir a adesão afetiva e a admiração mediante desperdício desvairado, comportando-se como patriarca imprevidente. Um homem cordial tolo que saca dos bens privados para se candidatar ao bem público, quando a lição cordial patrimonialista reza o contrário: sacar dos bens públicos a favor

⁷² Joaquim Maria Machado de Assis, *Quincas Borba*, p. 14.

⁷³ Homero Vizeu Araújo, “Quincas Borba: pretensão cosmopolita, detalhe popular”, (*Via Atlântica*, n. 13, dez/2008), p. 177.

do patrimônio privado. [...] Rubião [...] não domina a nova regra em ascensão e se deixa levar pela fantasia aristocrática/benevolente/paternalista que é a versão oficial e auto-imagem do Império Brasileiro, oposta à prática mercantil-escravista que dava as ordens.⁷⁴

Como já foi insinuado, a percepção e adoção das idéias do Humanitismo levou à loucura tanto Quincas Borba como Rubião. A alienação deste vem passo a passo, até chegar ao máximo e culminar com a morte do personagem. O capitalista sente cada vez mais uma identificação com Napoleão III. No início só se apercebe de gestos pequenos que não lhe são próprios, como quando quer estender a mão para que a beijem⁷⁵ e espanta-se. Seguem-se cada vez mais frequentemente os estados de delírio, durante os quais parece estar em um mundo paralelo, tratando aos outros com títulos. Finalmente convivem nele duas personagens: o ex-professor capitalista e Napoleão III. A cena mais significativa é quando ele chama um barbeiro e pede que lhe arranje as barbas ao estilo francês. O nome do barbeiro é Lucien, que é uma alusão ao irmão de Napoleão Bonaparte, que ajudou ao triunfo do Imperador. Fazendo um passo mais, podemos reparar nas semelhanças entre Rubião e Pedro II. Os dois compartilham uma personalidade fraca, não se encaixam muito no ambiente que os circunda, são indefesos e calados⁷⁶. Na verdade, Rubião, ao imaginar seu casamento, quer que se assemelhe à pompa do Imperador.⁷⁷ Nesta perspectiva podemos continuar: quando Rubião morre, este acontecimento é expresso pelas palavras “estava assinada a abdicação,”⁷⁸ que aludem ao que vai acontecer ao Império.

3.2.7 Considerações finais

Ao longo da trama de *Quincas Borba*, podemos ver que o poder dá algumas voltas. Primeiro, o discípulo do filósofo é submetido a ele, até herdar sua fortuna. No início de sua vida no Rio, Rubião é dominante, pois tendo dinheiro, Palha depende dele. Porém a situação muda: Cristiano usa a inteligência para tirar os bens de Rubião, que se torna submisso a ele por ter caído na armadilha de se ter apaixonado pela esposa de Palha, Sofia. Rubião tem poder até a sua herança se esgotar, depois cai ao outro lado, é ele quem é usado e explorado.

O romance, por meio do Humanitismo, alerta ao perigo das ideologias novas, mal interpretadas e levadas ao extremo. E, através da alegoria Rubião - Imperador deixa suspeitar uma mudança do regime, que é incapaz de apoiar as novas ideologias. Como o ex-professor

⁷⁴ Homero Vizeu Araújo, “Quincas Borba: pretensão cosmopolita, detalhe popular”, p. 173.

⁷⁵ Cf. Joaquim Maria Machado de Assis, *Quincas Borba*, cap. 91.

⁷⁶ Cf. Sérgio Alves Peixoto, “Parábolas são parábolas, nada mais que parábolas: uma leitura de *Quincas Borba*, de Machado de Assis”, p. 26.

⁷⁷ Cf. Joaquim Maria Machado de Assis, *Quincas Borba*, cap. 81.

⁷⁸ Joaquim Maria Machado de Assis, *Quincas Borba*, p. 296.

leva seu «império», isso é, sua fortuna à perdição adaptando as lições do Humanitismo; alerta para a incompatibilidade do sistema vigente com as tendências ideológicas recentes.

3.3 *Dom Casmurro*

O romance *Dom Casmurro* foi publicado no ano de 1899 pela Livraria Garnier. Apresenta-se nele a história de Bento Santiago, apelidado Dom Casmurro. É ele próprio quem narra a sua vida, temos então perante nós uma perspectiva subjetiva dos acontecimentos e suposições. A trama se situa no Rio, e temporalmente corresponde ao reinado de Pedro II, dispensando os anos da Regência.

A história de Bento Santiago é contada em primeira pessoa. O já velho narrador, chamado de Dom Casmurro, lembra a infância e nos introduz sua família. Com o pai já morto, a cabeça da família é sua mãe, D. Glória, uma fazendeira rica. A casa conta com mais pessoas: o tio Cosme, a prima Justina e o agregado, José Dias. Bentinho apaixona-se pela vizinha, Capitu. O problema é que, a mãe ainda antes do filho ter nascido prometera a Deus entregá-lo ao seminário. Bento, mas ainda mais Capitu, não quer que isto aconteça e os dois tentam convencer D. Glória para quebrar a promessa. Como Capitu é filha de Pádua, um ex-funcionário público, a relação dos jovens não é bem-olhada por Dias. Depois de um ano, Bento deixa o seminário e se forma em Direito, mas conta com a amizade de Escobar, um companheiro que também sai. Bento casa com Capitu, e Escobar com sua melhor amiga, Sancha. Depois de algum tempo, Bento começa a desconfiar de uma relação adúltera entre sua mulher e Escobar. Esta mania vai tão longe que quer matar seu filho- que tem afinidades com o amigo, não o fazendo manda-o a desterro, junto com a mãe. Nunca mais a revê, o filho volta para o Brasil, mas acaba morrendo jovem.

3.3.2 Chave ideológica do livro

Já no início da narração descrevem-se as circunstâncias da criação do livro. Bento, na velhice, está tentando ligar a atualidade com a adolescência. Mandou construir uma réplica da casa onde cresceu, e no seguinte trecho temos uma descrição da sala:

Nos quatro cantos do tecto as figuras das estações, e ao centro das paredes os medalhões de César, Augusto, Nero e Massinissa, com os nomes por baixo... Não alcanço a razão de tais personagens. Quando fomos para a casa de Mata-cavalos, já ela estava assim decorada; vinha do decênio anterior. Naturalmente era gosto do tempo meter sabor clássico e figuras antigas em pinturas americanas.⁷⁹

A citação chama a nossa atenção por dois motivos. Primeiro, destaca-se a incompatibilidade das pinturas clássicas com os motivos americanos. O gosto de imitar as formas vindas da Europa sobrepõe-se às questões de compatibilidade: um substrato em estilo

⁷⁹ Joaquim Maria Machado de Assis, *Dom Casmurro* (Porto Alegre: L&PM Editores, 1997), p. 12.

americano não necessariamente comporta figuras de um contexto vindo do outro lado do mundo.

A mesma tendência, a de importação de cultura de fora – não tendo em conta a diferença nos antecedentes, podemos observar quanto às questões da sociedade. No século XIX a Europa passou por revoluções e inovações ideológicas. As ideias iam vindo também ao Brasil, mas não podiam ter efeitos parecidos porque a realidade socio-política era completamente diferente daquela da Europa. A sociedade brasileira era baseada no sistema escravocrata. Como comenta Roberto Schwarz, a ideologia da Independência nutriu-se de ideias francesas, inglesas e americanas que deste modo tornaram-se próprias também aos brasileiros. Naturalmente, o liberalismo não era compatível com o sistema escravista.⁸⁰

Mais uma observação deve ser feita quanto às figuras clássicas representadas na pintura. A chave para entender a escolha da presença de tais personagens devemos procurar na data de publicação do romance. Em 1899, quando já esteve no poder Campos Salles, já estavam assentadas as bases socio-políticas e financeiras do regime republicano, inclusive já surgiram novas e ambiciosas camadas sociais. É curioso ver que a casa onde o protagonista, já velho, escreve o livro é uma cópia fiel da casa onde tinha crescido na infância, decorrida no regime imperial. Na casa aparecem assim desenhos que remetem às figuras da Antiguidade que apoiavam o império:

Não por acaso Bentinho busca inspiração nas figuras de César, Augusto e Nero, ditadores militares que se beneficiaram do colapso da república romana, estabelecendo o império. Eles eram, acima de tudo, arrivistas. Note-se a presença curiosa de um rei númida, Massinissa, herói das guerras púnicas, que lutou com Cartago e depois foi decisivo na virada, passando para o lado romano. As prodigiosas riquezas cartaginesas levaram de roldão as últimas virtudes e instituições republicanas.⁸¹

Como o narrador escreve a obra rodeado dos personagens acima mencionados, podemos supor que o inspiram em alguns aspetos. Ao longo da narração, Bento deixa claro que partilha valores tradicionais de um sistema patriarcal. Qualquer tipo violação das regras ancestrais é gravemente condenado pelo narrador, facto que nos abre mais possibilidades para a interpretação do livro.

3.3.3 Modernização da cidade: subúrbios

Ao longo da narração, o leitor é testemunha de mudanças urbanísticas no Rio. Não se deslocam apenas os personagens, mas também muda o prestígio dos bairros. Há no livro duas menções à *História dos Subúrbios*, livro que o narrador pensa escrever, mas não o faz, sendo

⁸⁰ Roberto Schwarz, *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro* (São Paulo: Duas Cidades, 2000), p. 13.

⁸¹ Nicolau Sevcenko. “Troca de elite”, (*Folha de São Paulo*, São Paulo, 2007), disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs3009200701.htm>, (acesso em: 09/12/2019).

uma tarefa exigente quanto aos documentos. A tarefa não se realiza, mas mesmo assim é possível reconstruir de *Dom Casmurro* o histórico do surgimento de subúrbios na cidade do Rio.

A emergência de novas camadas sociais trouxe como consequência mudanças no gosto, referentes aos modos de habitação. Pouco a pouco, as pessoas acomodadas optaram cada vez mais por sair do centro da cidade e morar nos chamados subúrbios. Esta tendência vemos quando Bento Santiago se transfere para o Engenho Novo. Mesmo a palavra «subúrbio» adquiriu significado diferente: inicialmente se referia às áreas vizinhas da cidade, na época de Machado de Assis essas zonas já se incorporavam na cidade como tal.⁸² O surgimento desta moda pode-se justificar pela facilitação de se deslocar, pois as partes mais afastadas da cidade tornaram-se sempre mais conectadas por veículos recentemente inventados, como o bonde. As elites começaram a disfrutar das zonas mais tranquilas do que o centro com muita movimentação, onde tivessem mais espaço à disposição. Podemos dizer que nesse período “[a] cidade era a senzala; o subúrbio, a casa grande.”⁸³

3.3.4 Igreja: carreira ou vocação

Um dos temas principais do romance é a promessa que a mãe de Bentinho, D. Glória, faz antes do nascimento do filho. Ela pretende mandá-lo ao seminário quando ele crescer, mas as coisas complicam-se, pois Bento apaixona-se pela vizinha, Capitu. O ingresso no seminário torna-se inconveniente para todos, mas D. Glória, senhora muito devota e temente de Deus, insiste no cumprimento da promessa.

Os jovens namorados combinam que vão fazer tudo para evitar a ida de Bentinho, mas este se manifesta passivo, incapaz de enfrentar a autoridade que ele respeita mais, a da mãe. Ao contrário, Capitu mostra-se muito mais ativa e impulsiva. Exige do namorado que este fale logo com a mãe, ou que logre que o agregado José Dias convença a patroa para mudar de vocação do filho. Capitu não consegue conter as emoções, na raiva fala mal de D. Glória, chamando-a de “[b]eata! carola! papa-missas!”⁸⁴ Capitu, normalmente, controla-se muito bem, além desta vez só se mostra emotiva mais tarde, durante o enterro de Escobar, pelo menos nos olhos do narrador.

⁸² Cf. Adriana Carvalho Silva, “Vamos à história dos subúrbios: uma leitura espacial do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis”, (*Geografia, Literatura e Arte*, v.1, n.1., 2018), disponível em: <http://www.revistas.usp.br/geoliterart/article/view/140268/137472>, (acesso em: 20/11/2019), p.46.

⁸³ Nicolau Sevcenko, “Troca de elite”.

⁸⁴ Joaquim Maria Machado de Assis, *Dom Casmurro*, p. 41.

Bentinho ingressa no seminário, mas sem sentir qualquer vocação para isso. Passa lá somente um ano, e não é o único a sair. Mais companheiros optam por outras carreiras, entre eles Escobar, que resolve dedicar-se aos negócios. Bento continua, durante os tempos seminaristas, a ser regido mais pela paixão por Capitu do que pelo amor por Deus. Um dos exemplos vemos quando ele prefere ir ao enterro de um rapaz só para poder ficar durante mais tempo em casa, ao pé de Capitu. O ato religioso parece não comovê-lo, Bento descreve só a repugnância que a imagem do defunto nele suscita.

Outro momento ainda no seminário, quando se mostra que Bento tem falta de devoção, é quando ele escreve um soneto. A primeira linha (Bento só escreve esta e a última), é a seguinte: “Oh! flor do céu! oh! flor cândida e pura!”⁸⁵ A primeira associação que o seminarista faz da flor é com Capitu, depois pensa em fazer uma conexão à justiça e finalmente com a pátria e a luta pela liberdade. Admite, porém, que tal declaração não seria adequada para um seminarista. Nota-se aqui que no fundo ele tem outras ideias do que se esperariam dele, mas prefere não se comprometer ao torná-las públicas.

Mais um aspeto que revela a realação de Bentinho com a religião é a dívida dele para com Deus. Bento se socorre várias vezes junto a Deus e promete rezar quantidades enormes de orações, como se se tratasse de moedas. Espera negociar com o Criador, aumentando cada vez o número de ave-marias e padre-nossos, para chegar às graças. Ele está consciente de que tem dívidas, porque nunca cumpre com o prometido, mas isto não o impede de pedir de novo. Também podemos observar como ele se socorre ao meio mais fácil do pagamento das dívidas: não opta por fazer penitência por meio de peregrinação ou de assistir a missas, não quer fazer nenhum esforço. Bento não paga as dívidas só por orações, mas também tenta subornar Deus por meio de esmola. Uma vez, quando Bento dá dois vinténs a um mendigo e pede-lhe para rogar a Deus por ele, produz-se o seguinte diálogo: “—Sim, meu devoto! —Chamo-me Bento, acrescente para esclarecê-lo.”⁸⁶ A réplica de Bentinho ainda mais sublinha a sua hipocrisia, pois sabemos que ele só dá a esmola e só se interessa por Deus para se livrar do seu compromisso para com ele e poder casar com Capitu.

Dona Glória é descrita como uma mulher muito devota, mas no fundo podemos suspeitar que suas ações em nome da religião não sempre sejam tão puras e verdadeiras como parece. A mãe de Bentinho faz a sua promessa a Deus, mas aparecem nela remorsos, porque gosta muito de ter o filho por perto. Ela é persistente na decisão de fazer padre do filho, mas

⁸⁵ Idem, *ibidem*, p. 107.

⁸⁶ Idem, *ibidem*, p. 58.

finalmente deixa-se convencer por Escobar. Este, sendo um homem calculista,⁸⁷ encontra um modo como «rescindir o contrato»: pondo um órfão ao lugar de Bento. D. Glória autoconvence-se de que na realidade isto não é um fraude mas obra de caridade por ajudar uma pessoa sem meios para entrar no seminário. O facto de que foi ela quem ensinou Capitu a rezar também tem um sabor ambíguo: isso tanto pode apontar a um ato de pura devoção, quanto ao mesmo tempo pode perfeitamente ser uma armadilha para tornar a moça piedosa com o fim de esta não impedir a ida de Bento ao seminário.

A seguir, vejamos o agregado José Dias. Este aparece no início do romance como defensor do Padre Feijão, querendo sublinhar a grandeza da Igreja no Império, vista como um ambiente onde é possível fazer carreira. Mais adiante, revelam-se suas intenções de cálculo: quando se apercebe que entre Capitu e Bentinho está a nascer algo mais que amizade, tenta apressar a entrada do rapaz no seminário. O que o preocupa não tem nada a ver com a sinceridade dos amores dos jovens, mas com a diferença social. A família de Capitu pertence a uma camada social mais baixa, e José Dias não acha apropriada uma ligação assim. No seminário também vê para Bentinho principalmente a possibilidade de fazer uma carreira. Isto se reafirma duas vezes, quando ele diz a Bentinho que deve voltar papa.

Na obra aparece também um representante do clero: o padre Cabral. Este vem comumente à casa dos Santiago, não só de visita, mas também tem como tarefa preparar Bentinho para a vida no seminário. Um dia, ele ganha o título de protonotário apostólico, que lhe atribui mais importância, mesmo que ninguém saiba exatamente o que dita distinção significa. O padre não é descrito negativamente, só se apontam alguns defeitos dele, como a gula e os jogos de galão.

Por último, no romance é também abordada a questão se a religião e a política são conciliáveis. O narrador revela que naquele tempo era comum que entre os políticos houvesse representantes do clero. Ele não se mostra nem a favor, nem contra essa prática:

Meu pai, se vivesse, é possível que alterasse os planos, e, como tinha a vocação da política, é provável que me encaminhasse somente à política, embora os dous officios não fossem nem sejam inconciliáveis, e mais de um padre entre na luta dos partidos e no governo dos homens. Mas meu pai morrera sem saber nada, e ela ficou diante do contrato, como única devedora.⁸⁸

O livro mostra a imagem de uma Igreja, cujos membros não têm a vocação inicial, trata-se mais de prática dos cultos por tradição do que por convicção. A instituição ainda é mantida

⁸⁷ Cf. Ana Patrícia Sá Martins, *A crítica machadiana em Dom Casmurro: um estudo da alegoria feminina como crítica ao sistema republicano no final do XIX*, tese de licenciatura (São Luís, 2009), p. 35. (pdf).

⁸⁸ Joaquim Maria Machado de Assis, *Dom Casmurro*, p. 148.

por fora, mas por dentro se esvazia cada vez mais, sua função passa a ser decorativa; entretanto, os cargos eclesiástico ainda impõem certo ar de consideração. Aparecem, ao longo da narração, noções de intercâmbio de valores eclesiásticos com os profanos: os personagens fazem pactos com Deus como se se tratasse de negócios.

3.3.5 Ambições mundanas

O principal representante daquilo que podemos chamar ambições mundanas é o amigo do narrador, Escobar. O nome dele também pode indicar a natureza dele, sendo uma referência ao

jesuíta casuísta Antonio Escobar y Mendoza [...] [quem] era considerado um moralista, mas recebera diversas críticas sobre apregoar aos fiéis uma moral frouxa e o uso das leis católicas visando ao autobenefício. A partir de meados do século XVIII e início do XIX, o nome Escobar tornara-se, na França, o sinônimo de alguém que possui a habilidade de subverter as leis da moralidade em favor de seus interesses.⁸⁹

Esta ambiguidade entre a piedade e os interesses materiais se nota quando Escobar vai convencendo D. Glória sobre a legitimidade do plano da troca de Bento por um órfão no seminário. O amigo de Bento não se posiciona contra a religião, só prefere seguir uma carreira ligada às finanças, já que tem muito talento para trabalhar com os números. Porém, o que lhe falta, é o capital. Para superar este obstáculo, vem-lhe muito bem a amizade com Bentinho: com a mediação deste, D. Glória consente em emprestar algum dinheiro ao companheiro do filho. Escobar não só devolve a soma emprestada que ganhou graças ao negócio de café, mas também ajuda Bentinho nos inícios da carreira jurídica dele.

3.3.6 O agregado, um fenômeno social da época

Uma figura típica da época é a do agregado, representado no romance por José Dias. Como um homem livre que dependia dos favores dos grandes, o agregado era, segundo Schwarz, a caricatura do sistema social da época.⁹⁰ José Dias chega à família Santiago por meio de uma mentira, fingindo ser um médico. Ele confessa a verdade só depois de muito tempo, quando já faz parte da família. Dias age sempre em prol de benefício próprio, mas faz questão de aparecer como quem faz tudo para o bem dos patrões, formalmente concordando com eles. As suas atitudes de bajulador são vistas e odiadas pelos demias, mas ninguém pode fazer nada contra, já que José Dias não pode ser expulso, pois bajula o patrão. Dias se sente membro da casa Santiago a tal nível que se permite julgar os vizinhos, sendo eles de camada social mais

⁸⁹ Bárbara da Silva Santos, *Dom Casmurro à luz da onomástica: tramas e tramoias do romance machadiano*, tese de mestrado, (Vitória, 2015), p. 43.

⁹⁰ Cf. Roberto Schwarz, *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*, p. 16.

baixa que os patrões.⁹¹ Estas atitudes dele se mostram quando ele desaprova a relação de Capitu e Bentinho e quando se confronta com Pádua, pai de Capitu, homem de camada mais baixa que a família Santos. Durante a festa do Santíssimo, o agregado consegue um papel mais importante para Bento, então ainda nem seminarista, tirando a função de carregar o pódio de Pádua, quem já o tinha feito uma vez.

Segundo Bárbara da Silva Santos, a adoção de agregados pode ser “[c]onsiderada uma prática de moldes cristãos – pois ajudava aos desfavorecidos –, esse —«paternalismo» surgira como uma espécie da manutenção da escravatura – já em decadência –, desta vez estendida aos brancos.”⁹² A sociedade mantinha as relações de dependência, os mais potentes precisavam de alguém quem obdesse em troca do benefício da convivência com as elites.

3.3.7 As mulheres

No romance, um papel muito importante pertence às mulheres, sobretudo a Capitu e a D. Glória. Capitu, vizinha de Bento, provém de um ambiente com menos prestígio, mas isso não a impede de querer mandar no namorado. Sua natureza determinada e inteligência permitem-lhe inserir-se num ambiente diferente.

O encanto da personagem se deve à naturalidade com que se move no ambiente que superou, cujos meandros e mecanismos a menina conhece com discernimento de estadista. É como se a intimidade entre a inteligência e o contexto retrógrado comportasse um fim feliz, uma brecha risonha por onde se solucionassem a injustiça de classe e a paralisia tradicionalista, algo como a versão local da "carreira aberta ao talento".⁹³

Capitu não se deixa influenciar por nada e ninguém, é teimosa e firme nas resoluções. Usa os seus encantos conscientemente: sabe que é atraente para Bentinho, também é capaz de elaborar planos para atingir o que ela quer. Mesmo provindo de condições sociais inferiores aos da família Santiago, ela não receia fazer frente às opiniões deles, não fica com medo nem de D. Glória, respeitada por todos. Capitu conhece muito bem seu entorno, sabe identificar os pontos fracos das pessoas e aproveita todo esse saber para influenciar os demais. Apesar de ser uma mulher e ainda jovem, já tem ideias claras até sobre a política: pronuncia-se em favor da maioria proclamada pelo Imperador; também expressa o seu desprezo da religião, opondo-se à opinião de D. Glória. Na construção da personagem de Capitu, não devemos deixar de lado as possíveis origens do nome dela. Uma das teorias aponta para o nome derivar de «capitório»,

⁹¹ Cf. Ana Patrícia Sá Martins, *A crítica machadiana em Dom Casmurro: um estudo da alegoria feminina como crítica ao sistema republicano no final do XIX*, p. 38. (pdf).

⁹² Bárbara da Silva Santos, *Dom Casmurro à luz da onomástica: tramas e tramoias do romance machadiano*, p. 58.

⁹³ Roberto Schwarz, “A poesia envenenada de *Dom Casmurro*”, (*Revista Novos Estudos*, v. 1, edição 29, 1991), disponível em: <http://novosestudos.uol.com.br/produto/edicao-29/>, (acesso em: 09/12/2019) pp. 95-96.

significando glória, esplendor e triunfo. Outra aproximação toma como base a palavra «caput», ou seja, cabeça. Esta versão sublinha a posição de Capitu no relacionamento, ela é o líder, aquela que elabora os planos, que manda⁹⁴.

A Capitu acima descrita não permanece a mesma até o fim da narração. A moça adolescente e a recém-casada compartilham as atitudes, porém o caráter muda com o tempo, pelo menos aos olhos do narrador. Ela perde a teimosidade, torna-se submissa ao marido, que vê neste comportamento a confissão da sua traição.

Capitu e José Dias mostram-se no seu respetivo comportamento como polos completamente opostos. Ela, inicialmente, sem medo de se opor àqueles dos quais depende, já José Dias sempre calculando para conseguir o que quer, sem prejudicar a sua situação na casa Santiago. O que une os dois personagens é que no final os dois dependem da mesma forma dos mais poderosos. O ato decisivo acontece quando Bento manda a mulher com o filho para a Europa, mostrando assim que eles são dependentes dele. A situação destes personagens mostra a sociedade brasileira da época, que funcionava na dependência de uns aos outros. O romance insere-se, temporalmente, quase inteiro na época da vigência do sistema de escravidão, o qual tinha o posterior prolongamento em forma de clientelismo e busca de favores.⁹⁵ No romance, o representante máximo desta dependência dos mais poderosos é o agregado José Dias e, em parte, também Capitu, como esposa dependente do marido, no sistema patriarcal.

Uma personagem muito importante na narrativa é a mãe do narrador, D. Glória. Ela é descrita como se fosse perfeita: muito tradicional, religiosa. Após a morte do marido esconde sua beleza, sendo fiel à memória dele. Ela fica na casa de Matacavalos, mesmo tendo fazendas com muitos escravos fora do Rio, aluga as imóveis. Conserva as coisas do passado, por exemplo a sege do marido. A sua religiosidade é muito forte, como vimos na sua promessa a Deus de mandar o filho a ser padre se este nascer sem complicações. D. Glória parece ser um exemplo na devoção, até o momento em que ela prefere ter perto o filho. Pondo um órfão no lugar de Bento ela suborna Deus. Aparece como uma pessoa generosa, emprestando dinheiro ao amigo do filho, Escobar, para que este possa começar os negócios.

A imagem ideal da mãe tem também outro lado. A posição dela na sociedade é atípica se considerarmos que a sociedade da época era patriarcal. D. Glória, após a morte do marido, assume as funções de líder na família. Dependem dela não só todos em casa, mas de certo modo

⁹⁴ Cf. Bárbara da Silva Santos, *Dom Casmurro à luz da onomástica: tramas e tramoias do romance machadiano*, pp. 33-35.

⁹⁵ Cf. Roberto Schwarz, “A poesia envenenada de *Dom Casmurro*”, p. 91.

também a família Pádua, não falando dos escravos nas propriedades dela. É ela quem orienta Pádua em questões financeiras e sugere-lhe para se comportar como homem depois da perda da função na repartição do Ministério da Guerra, e não só se lamentar. Ninguém se atreve fazer nada contra a vontade de D. Glória, pelo menos não explicitamente, a única possibilidade para a influenciar é usando armadilhas ou convencendo-a pouco a pouco. Bentinho acha que só o Imperador é que podia opor-se à vontade da mãe.

Ambas as mulheres, tanto D. Glória como Capitu, são muito fortes e assumem até certo grau papéis que na sociedade oitocentista eram atribuídos a homens. As mulheres são as que mandam na obra, são rodeadas de homens em posições secundárias: Pádua, que perdeu o emprego e ilusões, espera casar bem a filha; tio Cosme, um advogado de figura grotesca, sem ambições; José Dias, um agregado que para garantir o seu lugar na casa tem que opinar sempre de acordo com D. Glória.

Partindo destas considerações, e daquela que no início Bento é fascinado pelas atitudes de Capitu e com o tempo vira inimigo delas, podemos presumir que se trate de uma metáfora dos ideais republicanos: o fascínio do início tornou-se uma desilusão. No narrador, representante de valores tradicionais, as atitudes e posições convencionalmente masculinas desempenhadas por mulheres, causam desaprovação. Tornando-se assim a figura da mulher o símbolo de nova distribuição de poderes, abre-se uma alusão à República. Casmurro critica as atitudes das protagonistas, questionando a legitimidade do sistema republicano.

3.3.8 Considerações finais

O romance traz como tema principal a crise da instituição da Igreja. Esta reúne autoridades preocupadas, mais do que com a fé, com a possibilidade de uma carreira prometedora, estando os cultos religiosos cada vez mais vazios. As cerimónias atendidas sem convicção espiritual mostram a hipocrisia da sociedade. A percepção da Igreja aproxima-se cada vez mais à de um grande negócio: os personagens esperam obter as graças divinas por manobras clandestinas. O narrador critica os representantes da sociedade na altura, como o agregado; mas ao mesmo tempo não autoriza um desmoronamento da sociedade patriarcal. Através das personagens femininas do livro, Capitu e D. Glória, anuncia-se uma mudança na estrutura da sociedade, pois elas desempenham papéis tradicionalmente atribuídos a homens. Bento luta até contra a modernização não só no sentido ideológico, mas também se recusa às inovações do estilo de vida: sublinha-se isso pelo facto de construir a mesma casa da infância num subúrbio.

3.4 *Esau e Jacó*

O penúltimo romance analisado, que é também o penúltimo que o autor publicou, em 1904 pela editora Garnier, descreve o período marcado já plenamente pela crise da Monarquia. Nele, apresenta-se ao leitor uma sociedade polarizada, sendo aliás toda a obra construída ao redor da ideia da dualidade. Os aspetos causadores do desmoronamento do Império atingem o seu auge de tal forma que até os protagonistas, os gêmeos Pedro e Paulo, não passam de uma alegoria das ideias que representam, mais do que personagens credíveis com traços humanos. Prisioneiros das suas ideologias, as cenas nas quais os dois aparecem sempre são carregadas de peso político.

Esau e Jacó tem uma relação estreita com *Memorial de Aires*, pois é concebido como uma narração atribuída a um dos seus personagens – o conselheiro Aires. No prefácio ao livro, o autor explica que se trata de um dos cadernos encontrados no legado do conselheiro. Abre-se aqui, portanto, uma questão complexa sobre o narrador da obra, mas para os efeitos da nossa análise basta apontar que os dois livros abordam temas parecidos e compartilham algumas das personagens.

O romance começa com a visita de Natividade a uma cabocla para saber do futuro dos filhos, os gêmeos Pedro e Paulo. A mãe e o marido, Agostinho Santos, que provêm de entorno modesto subiram na ladeira social e esperam um futuro glorioso para os filhos, já agora o mesmo interpretam das palavras da cabocla. Eles já brigam na ventre da mãe, que leva aos pais e confiantes deles a supôr alguma coisa extraordinária acerca dos filhos. Os meninos continuam a brigar a vida toda, até represnetam correntes políticas inimigas: Pedro é conservador, já Paulo é republicano. As coisas se complicam quando os dois se apaixonam pela mesma moça, Flora. Esta, filha do casal ambicioso Batista, não sabe como escolher, acaba morrendo sem se decidir. Os filhos competem por ela até depois da sua morte, e apesar das tentativas de conciliação por parte da mãe e um amigo de família, o conselheiro Aires, brigam continuamente. No final, os dois conseguem entrar na Câmara, mas prosseguem com a rivalidade.

3.4.2 **A ambições sociais**

Uma das figuras centrais do livro é Agostinho Santos. Este homem tornou-se banqueiro, durante a chamada «febre das ações» ganhou muito dinheiro. Desde já faz lembrar a personagem de Cristiano Palha, em *Quincas Borba*, que também enriqueceu graças a especulação e sorte, mas há na descrição de Santos um ponto muito importante: “Ganhou logo

muito, e fê-lo perder a outros.”⁹⁶ Revela-se assim que ele foi capaz de subir socialmente sem ter compaixão para com os outros, tendo em vistas somente a prosperidade própria. Mais um momento quando se verifica a sua ambição de subir é uma conversa com Natividade⁹⁷, na qual se revela que Santos aspira ao lugar de deputado e depois de senador, porque é um cargo vitalício, o que no entendimento dele é igual ao eterno.⁹⁸ Ele logra a atribuição do título de barão, apresentando-o como uma prenda de aniversário para a sua mulher. A cena que produz a emoção provocada pelo título, por parte da mulher, dos filhos e até dos escravos, diz muito sobre a importância dessa formalidade. Vemos que muitas pessoas vêm logo cumprir com a necessidade de dar os parabéns aos recém-titulados, que receberam a distinção graças à fortuna acumulada que, como já vimos, foi privada de outrem no passado. O título de barão é na essência uma formalidade, serve para mostrar aos demais um certo status social. Verifica-se no capítulo IX, intitulado “Vista de palácio”, que as aparências são muito importantes para Santos: ao passar pelo palácio Nova Friburgo, ele sente uma forte vontade de possuí-lo. A casa dele não é menos espaçosa, nem tem falta de nada, mas o palácio é muito mais pomposo e situado em um lugar mais visível, onde pode causar mais inveja e expor a sua grandeza inteiramente.

Natividade, a esposa de Santos, vem tal como o marido da camada pobre, mas destaca-se pela beleza. Outrora admirada também pelo conselheiro Aires, casa com Agostinho e adapta-se com muita naturalidade à nova posição na sociedade, adquirida por meio da fortuna e, mais tarde, também do título. Assemelha-se a Sofia, protagonista feminina de *Quincas Borba*, que põe os seus encantos aos serviços do seu marido, no plano de enganar Rubião. Natividade aproveita-se da admiração de Aires, e pede-lhe para a ajudar com a reconciliação dos filhos.

A personagem de Natividade pode funcionar como uma alegoria do país. Como mãe dos gêmeos, ela até certo ponto consegue unir dentro de si as duas forças opostas: a republicanista e a monarquista. Os filhos brigam já no ventre dela, mas a sua preocupação é que os filhos cheguem a desempenhar cargos altos na sociedade e tenham assim um futuro glorioso. Um momento que apoia esta hipótese é o baile da Ilha Fiscal, o último evento antes do fim da Monarquia. Natividade “Não é que ainda dançasse, mas sabia-lhe bem ver dançar os outros, e tinha agora a opinião de que a dança é um prazer dos olhos. Esta opinião é um dos efeitos daquele mau costume de envelhecer⁹⁹.” Podemos deduzir, que já há falta de ação, ela torna-se

⁹⁶ Joaquim Maria Machado de Assis, *Obra completa*, volume I (Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, S.A., 1994), p. 954.

⁹⁷ Cf. Idem, *ibidem*, cap. 48.

⁹⁸ Cf. Raymundo Faoro, *Machado de Assis: A pirâmide e o trapézio* (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974), p. 90.

⁹⁹ Joaquim Maria Machado de Assis, *Obra completa*, volume I, p.1006.

meramente uma acompanhante dos acontecimentos. Ela perde o controle sobre os filhos, e do mesmo jeito o país se encontra só como espectador nas lutas entre as forças monarquistas e republicanas.

No romance encontramos ainda outra dupla de personagens que também têm muita ambição para chegar mais longe: o casal Batista. O marido, antigamente presidente de província, achava-se aliado do partido conservador. Depois de perder o título, a mulher dele, Dona Cláudia, confessa ter saudades dos velhos tempos, quando eles gozavam de importância e consideração. Ela revela-se o motor da ambição do homem, ela na verdade, realiza-se através do marido. Dona Cláudia sugere-lhe a ideia de que ele no fundo sempre era liberal, só não se manifestou abertamente. O conservadorismo dele veio unicamente de tradição, como se fosse herdado. Ele concorda com a ideia e confessa isto a Aires. É claro que Dona Cláudia vem com essas idéias porque vê as mudanças na cena política, quando o partido liberal ganha cada vez mais poder. Incentiva então o marido para concorrer para um novo cargo e ele acaba recebendo uma comissão. O marido pensa em publicar um manifesto, mas por advertência da mulher não o faz e acaba perdendo o cargo. Quando logra um encontro com o marechal e depois conta a Dona Cláudia como correu o encontro, esta se mostra insatisfeita: “A recepção não lhe pareceu que fosse má, mas podia ser melhor. Com ela, seria muito melhor.”¹⁰⁰ Verifica-se aqui, mais uma vez, que o marido na visão dela deve obedecer ao que ela quer. Batista mostra-se covarde, não se atreve dizer o que pensa, agir por conta própria. A política desempenha um lugar muito importante na vida de Cláudia; isto manifesta-se até nas cenas mais cotidianas, quando por exemplo ela data os acontecimentos importantes da filha segundo o ministério da época.

Finalmente, apresentemos ainda algumas reflexões sobre Nóbrega, um dos pretendentes recusados por Flora. Este, no início do romance, recebe uma prenda de dois mil-réis de Natividade, quando ela, contente com a predição da cabocla, está voltando do morro do Castelo para casa. Nóbrega, na altura um andador de almas, acha ela aventureira e, na opinião dele, Natividade quer se livrar do peso da consciência por ter andado de aventuras amorosas.¹⁰¹ Passados alguns anos, Nóbrega, já rico graças ao capital que na altura recebeu da mulher de Santos, muda de ideias e considera-a uma santa¹⁰². O dinheiro, neste caso, assegurou não só uma elevação de nível da vida, mas também serviu como meio para apagar os preconceitos duvidosos formados por Nóbrega acerca dos motivos da generosidade de Natividade. Podemos

¹⁰⁰ Idem, *ibidem*, p. 1048.

¹⁰¹ Cf. Idem, *ibidem*, cap. 3.

¹⁰² Cf. Idem, *ibidem*, cap. 103.

então assumir que, retrospectivamente, aparece nos homens uma sensação nostálgica e avaliam o passado como belo, o mal será esquecido.

O acima mencionado Nóbrega também fez carreira: de um pobre sem nada tornou-se rico. A sua fortuna é produto de fraude, pois ele não entregou a nota recebida de Natividade à missa de almas, mas ficou com ela. Ele reaparece no final do livro, já rico, como um pretendente de Flora. É importante apontar aqui que este homem não dispunha de educação – a evidência disto é que não consegue redigir sozinho uma carta de declaração de amor a Flora, tem que pedir o favor de um empregado¹⁰³. Vê-se que apesar de ter dinheiro e ter a possibilidade de viajar e conhecer outras culturas, não necessariamente se torna um homem mais educado e culto. Assim, o autor mostra que a riqueza nem sempre era acompanhada de cultura e inteligência na sociedade da época.

3.4.3 Forças inconciliáveis

O conflito entre os gêmeos Pedro e Paulo constitui o eixo central do romance. Na verdade, todas as ações deles servem ao autor de pretexto para manifestar as opiniões políticas opostas, existentes na sociedade brasileira da época: “Trata-se na verdade de um modo de dramatizar os conflitos ideológicos da época (momento final do Império e ascensão da República) cujos chavões e senso comum são encampados pelos irmãos e são representados através deles.”¹⁰⁴ A briga entre os dois começa já no ventre da mãe, fato ao qual todos atribuem extrema importância. Já durante a escolha dos nomes vêm à toa alusões bíblicas e históricas, verifica-se que ao longo do tempo sempre havia inimigos e rivais em famílias ilustres. Pedro é descrito como mais dissimulado, mas também mais calmo. No seu caráter moderado e visão monarquista coincide com o Imperador, também chamado Pedro. Ao contrário, Paulo, que é republicano, é mais inquieto, agressivo, e custa-lhe controlar-se.

A diferença entre as atitudes e os temperamentos dos dois podemos resumi-la em alguns exemplos. Paulo, um dia, escreveu um discurso muito bom, claramente com intenções republicanas, mas estas não necessariamente eram evidentes. O pai orgulhou-se muito do filho e fez chegar o discurso à regenta Isabel, explicando que o filho não era republicano, mas um liberal de 1848¹⁰⁵. Paulo zangou-se muito e resolveu esclarecer tudo por meio de um artigo.

¹⁰³ Cf. Idem, *ibidem*, cap. 103.

¹⁰⁴ Marcos Rogério Cordeiro, “O conflito de caracteres na obra de Machado de Assis” (*Anais do SILEL*, v. 1, n. 1), disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/?page_id=5554, (acesso em: 30/11/2019), pp. 6-7.

¹⁰⁵ Cf. Machado de Assis, *Obra completa*, volume I, cap. 43.

Pedro consegue controlar-se mais, ele brinda à República por pedido da mãe¹⁰⁶. Sua dissimulação apresenta-se-nos quando Paulo volta ao quarto cantarolando a *Marselhesa*, Pedro decide cantar com o irmão, mas aquela parte que fala sobre as tropas inimigas. No final controla-se e decide ficar calado¹⁰⁷.

As diferenças entre eles acentuam-se desde o início. Serve de exemplo como os dois se referem à mesma data, a de nascimento. Sempre quando alguém lhes perguntou a data do aniversário, “Paulo respondeu: — Nasci no aniversário do dia em que Pedro I caiu do trono. E Pedro: — Nasci no aniversário do dia em que Sua Majestade subiu ao trono.”¹⁰⁸ Outro exemplo é a situação quando os dois compram gravuras escolhidas segundo os seus gostos: Pedro fica com o retrato de Luis XVI, já Paulo decide levar para casa um Robespierre.¹⁰⁹ Discutem os preços, não aceitando que um custe mais do que o outro, pois não consideram o valor artístico. Em casa, eles destroem reciprocamente a gravura do outro.

Durante a trama, os irmãos discordam basicamente de tudo, há só três coisas que os unem. A primeira é o amor pela mãe e por Flora. O amor pela moça é, porém, outra vez a causa de divergências. Cada um quer provar que tem mais sentimento por ela que o outro, até depois da morte dela. A segunda coisa que têm em comum é a ambição de se tornar deputado e, depois, presidente. No fim do romance chegamos a saber que “Paulo entrou a fazer oposição ao governo, ao passo que Pedro moderava o tom e o sentido, e acabava aceitando o regímen republicano, objeto de tantas desavenças.”¹¹⁰ Podemos explicar este desenlace pela natureza dos dois irmãos. Enquanto Pedro se conforma mais facilmente com a realidade vigente, Paulo sempre anda em busca de um ideal. A terceira coisa em que os irmãos concordam é a abolição da escravidão que vai ser comentada mais adiante.

Podemos assim dizer que Pedro e Paulo representam a sociedade humana de todos os tempos, na qual sempre há um grupo que se contenta com o que tem, e o outro que procura sempre algo diferente. O caso deles comprova também que nunca haverá regime que agradasse a todos, sempre se levantará nele alguma oposição que vai querer criar algo novo, diferente. No que se refere à questão de gêmeos, a disputa será também eterna – fato simbolizado pela situação quando os dois conseguem a cadeira de deputado e cada um tem a ambição de ser presidente, que é, porém, a posição de vaga única.

¹⁰⁶ Cf. Idem, *ibidem*, cap. 65.

¹⁰⁷ Cf. Idem, *ibidem*, cap. 67.

¹⁰⁸ Idem, *ibidem*, p. 976.

¹⁰⁹ Cf. Idem, *ibidem*, cap. 24.

¹¹⁰ Idem, *ibidem*, p. 1086.

3.4.4 Forças conciliadoras

O conselheiro Aires representa, no romance, um personagem que é diferente dos outros personagens ambiciosos.

Trinta e tantos anos no exterior deram-lhe o título e a gravidade do título o fizeram aceito em todas as rodas da sociedade da corte. Aires, cético e arredio, com o tédio da controvérsia, não tinha influência de nenhuma espécie, influência social ou política. Contentara-se em conviver com suas amigadas, sem escândalo e sem pompa.¹¹¹

Apesar de já ter terminado a carreira, ele é marcado por ela, mantendo sempre os ares de diplomata. Consegue agradar a todos, pois como diplomata sempre fala de maneira oportuna aos dois lados. Como já se trata de um homem aposentado, não é grave que não se importe assim tanto com a situação política. O que já merece crítica é a situação que ele lembra ao passar pela rua e ver uma multidão de gente. Sua memória leva-o ao Caracas da altura de mudança de governos. Ele passa lá o tempo a namorar, e mesmo ouvindo os rumores da rua, não lhes dá atenção, dedica-se à amante¹¹². Ele mostra-se indiferente com a situação política, importa-lhe mais lembrar um passatempo agradável.

Ao longo da narração, o conselheiro Aires faz muitas reflexões sobre a sociedade ao redor. Uma delas é inspirada pela situação quando ele vê um gatuno e começa a ponderar se é sempre correto obedecer à autoridade, pois cumprir “as leis sempre, sempre, sempre, é violar a liberdade primitiva.”¹¹³ Em outra ocasião ele vê um burro a ser castigado pelo dono e inventa um monólogo que poderia ser proferido pelo animal.¹¹⁴ O burro nega a mexer-se e Aires pensa que o dono até pode castigar o animal por não lhe obedecer, mas não conseguirá impedir-lhe de chamar o proprietário, no seu interior, de nomes feios. Podemos ver aqui uma associação com a sociedade: os que estão nas esferas mais altas podem mandar e serem obedecidos pelo povo, mas nem sempre por vontade própria e com respeito. Como diz Cláudio Roberto Duarte, as cenas citadas “remetem a um só tema: a desigualdade e a possibilidade da revolta popular, que amedrontam as mentes conservadoras.”¹¹⁵

Finalmente merece ser mencionada a ideia do conselheiro Aires em relação à mudança do regime. Ele responde às preocupações de Santos: “Nada se mudaria; o régimen, sim, era possível, mas também se muda de roupa sem trocar de pele¹¹⁶.” Ele sublinha que a vida

¹¹¹ Raymundo Faoro, *Machado de Assis: A pirâmide e o trapézio*, p. 34.

¹¹² Cf. Machado de Assis, *Obra completa*, volume I, cap. 40.

¹¹³ Idem, *ibidem*, p. 997.

¹¹⁴ Cf. Idem, *ibidem*, cap. 41.

¹¹⁵ Cláudio Roberto Duarte, *Nada em cima de invisível: Esaú e Jacob, de Machado de Assis. As aventuras do dinheiro a transição do Império à República*, tese de doutorado (São Paulo, 2018), pp. 198-199.

¹¹⁶ Machado de Assis, *Obra completa*, volume I, p. 1031.

cotidiana não muda assim de um dia para outro apenas com uma mudança política, as coisas do dia a dia têm a tendência de continuarem na mesma.

Outra personagem conciliadora, que se encontra entre dois polos opostos, é a jovem Flora. Apaixonada por ambos os irmãos, ela fica na dúvida e é incapaz de escolher um deles. Estando com um, sente falta do outro, mas está consciente da impossibilidade da reconciliação. Chega a uma situação sem saída: recusa todos os pretendentes e entra em delírio. Morre incapaz de se pronunciar qual dos dois rapazes ela escolhe. Segundo Duarte,

“[A] morte de Flora simboliza a impossibilidade de superação das antíteses em busca da síntese perfeita”¹¹⁷, ou seja, sendo um dos rapazes liberal e o outro conservador, os dois não se conciliarão dentro do mesmo regime. O falecimento da moça é por tanto ao mesmo tempo “a morte da esperança de um país mais democrático e melhor unificado, feito de sujeitos esclarecidos e emancipados, que abrisse seu curso para as promessas da modernidade.”¹¹⁸

3.4.5 Escravidão

Na descrição de Pedro e Paulo foram comentadas só duas coisas nas quais eles concordavam: o amor pela mãe e por Flora, e a ambição de ser presidente. A terceira vez quando os dois estiveram de acordo foi quando chegou a notícia da abolição da escravidão. Porém, não se pode dizer que os dois tenham tido as mesmas razões para concordarem de que se tratava de uma coisa boa. Pedro ficou contente com esse «ato de justiça». Paulo, com a sua personalidade sempre inquieta, quis ir outra vez mais além: "A abolição é a aurora da liberdade; esperemos o sol; emancipado o preto, resta emancipar o branco."¹¹⁹ Podemos supor que Paulo viu na emancipação não só a efetuação da justiça, mas também o início de um processo mais longo e radical que levaria consigo mais mudanças na sociedade.

Além desta cena, temos só mais uma ao respeito. É quando o casal Santos recebe o título de barões. Os escravos mostram-se felizes pela distinção¹²⁰, pois a eles também dá em certo sentido mais prestígio servir a uma família com título. Verifica-se deste modo que mesmo entre os mais miseráveis existe certa estratificação, uns estão em posições mais distinguidas em comparação com outros. Esta hipótese já vimos em *Memórias póstumas*, quando o ex-escravo

¹¹⁷ Marcos Rogério Cordeiro, “O conflito de caracteres na obra de Machado de Assis”, p. 10.

¹¹⁸ Cláudio Roberto Duarte, *Nada em cima de invisível: Esaú e Jacob, de Machado de Assis. As aventuras do dinheiro a transição do Império à República*, p. 221.

¹¹⁹ Machado de Assis, *Obra completa*, volume I, p. 992.

¹²⁰ Cf. Idem, *ibidem*, cap. 20.

Prudêncio presenteia um escravo seu com pancadas, afirmando assim seu poder sobre ele, sua soberania.

3.4.6 Crise espiritual

Logo no início do romance temos três acontecimentos que se referem à questão da religião da sociedade brasileira da época. O primeiro é a missa de defunto servida por um parente pobre de Santos¹²¹. O casal Santos manda celebrar a missa numa igreja periférica, onde normalmente não passa gente «de classe». Santos e Natividade vêm de coupé, o que chama atenção no bairro. Não assiste à missa quase ninguém, além do casal vêm só mendigos a pedir esmola, o lugar é pobre, tal como era o defunto. Podemos notar a preocupação com a aparência, pois fica claro que os futuros barões cumprem com a obrigação de servir a missa de maneira muito discreta, para não se associar o falecido ao banqueiro, como prova a escolha da igreja e o anúncio sem pormenores.

Outro momento-chave é a visita de Natividade e sua irmã Perpétua à cabocla no morro do Castelo para perguntarem pelo futuro dos gêmeos. A adivinha tem fama na cidade, dizem que as predições dela são muito pontuais, mesmo assim, Natividade pensa algum tempo antes de procurá-la. A razão é simples: não é bem-visto na sociedade católica que uma pessoa dos círculos elevados faça consultas espirituais «às costas» da Igreja. Muita gente faz visitas à cabocla, até os oficiais da polícia, mas ninguém o confessa abertamente. Durante a visita, a adivinha do Castelo fala sobre «coisas futuras» e Natividade certifica-se que isso será algo positivo.

Santos promete à mulher não falar a ninguém sobre o assunto de rivalidade dos gêmeos, mas resolve consultar Plácido, um espírita. O lugar onde este reside é descrito como “uma espécie de clube, templo ou o que quer que era espírita. Plácido fazia de sacerdote e presidente a um tempo.”¹²²Torna-se evidente que Santos realmente crê no ensinamento do mestre espírita. Este apresenta as suas ideias, que culminam na menção do nome dos filhos: “Creio que os próprios espíritos de S. Pedro e S. Paulo houvessem escolhido aquela senhora [Perpétua] para inspirar os nomes que estão no Credo; advirta que ela reza muitas vezes o Credo, mas foi naquela ocasião que se lembrou deles.”¹²³ Seguem-se muitas reflexões, o mestre e Santos encontram simbologia em tudo que diz respeito aos filhos e os seus nomes. A mulher e o marido

¹²¹ Cf. Idem, *ibidem*, cap. 4.

¹²² Idem, *ibidem*, p. 964.

¹²³ Idem, *ibidem*, p. 968.

confessam um ao outro que consultaram o destino dos filhos, e contentam-se com aquilo que os dois meios distintos tivessem concordado em que o destino de Pedro e Paulo seria glorioso.

Os casos citados resumem a situação espiritual do momento no Brasil. Mostra-se a hipocrisia dos protagonistas, os quais ainda participam dos rituais católicos, mas é por questão de costume e aparências e não por devoção. Não recebendo respostas nos cultos da Igreja Católica, os personagens procuram alternativas. Vê-se assim a fusão de vários ritos: D. Perpétua, mesmo sendo religiosa, apoia a consulta da cabocla; o casal Santos manda rezar uma missa, mas acreditam também nas predições do Castelo e nas palavras do mestre espírita. Expressa-se assim a ideia do sincretismo religioso, característico do catolicismo brasileiro até hoje.

3.4.7 Símbolos

Na obra aparecem muitos símbolos que podemos dividir em duas categorias. A primeira seria constituída por alusões bíblicas. Já o título de obra, *Esau e Jacó*, remete à Escritura. Como é explicado durante a visita de Santos ao espírita, os irmãos bíblicos brigaram na ventre da mãe, tal como os gêmeos no romance. Da mesma maneira os apóstolos Pedro e Paulo também rivalizaram, segundo a Bíblia, tal como os portadores dos seus nomes no romance.

O motivo do conflito é eterno na cultura, manifesta-se em todas as esferas da vida: a rivalização está presnete entre irmãos, amigos, colegas; Como a Bíblia é considerada de substrato cultural das nações baseadas na tradição católica, o autor socorre-se à comparação bíblica, criando uma referência universal para os leitores.

A segunda categoria abrange os símbolos mais abstratos, elaborados pelo próprio autor. Há no romance dois símbolos muito importantes: a tabuleta velha e as barbas. Custódio, dono de uma confetaria, vem procurar o conselheiro Aires para pedir ajuda com a tabuleta que ele mandou pintar. Ele conta primeiro como quis pôr outra camada de pintura na tabuleta velha, mas o pintor recusou: „Pintura nova em madeira velha não vale nada.“¹²⁴ Podemos supor que haja aqui uma alusão também ao sistema político: a sociedade já precisava de uma mudança completa, não bastava o câmbio dos políticos, era preciso renovar tudo de base. Outro problema abre-se com o título, porque a confetaria se chamava “de Império“. O conselheiro vem com muitas ideias, mas os dois sempre encontram algum argumento contra. Aires sugere nomear a confetaria da “República, do Governo, do Custódio, do Catete“¹²⁵. Custódio tem muito medo

¹²⁴ Idem, ibidem, p. 1010.

¹²⁵ Cf. Idem, ibidem, cap. 63.

da oposição, para ele, o homem que não tem um cargo importante vive do negócio, o mais importante é manter os fregueses, para isso é necessário não ter inimigos, para não ser liquidado. A hipocrisia está omnipresente, as pessoas antes de ter uma opinião determinada, preferem agir sempre em prol da ideologia vigente, sacando os benefícios.

Outra simbologia importante apresenta-se através da cor das barbas. Os gêmeos começam muito cedo a interessar-se pela política, mas a mãe os adverte que se devem dedicar a ela só quando tiverem barbas. Temos depois no romance a descrição de um frade cuja barba, já cinzenta, volta a ser preta depois de uma peregrinação e fica assim por algum tempo; e por outro lado há uma alusão ao Imperador, cuja barba perdeu a cor prematuramente. Apresenta-se um conjunto de símbolos, que John Gledson descifra pelo seguinte:

O frade, sendo amigo de Pedro, é o Império, paciente, encantador e cheio de fé, sem dúvida; mas a verdadeira história aparece no segundo parágrafo citado. As áreas mencionadas, Minas, Rio, São Paulo, Paraná, correspondem exatamente à região na qual o café começou a ser cultivado, nos anos de apogeu do Império, as décadas de 1850 e 1860. Como é bem sabido, esse boom transformou o Brasil, permitiu a expansão das cidades, principalmente do Rio, e formou a base da estabilidade e da segurança do regime. Este paralelo explica os detalhes desse trecho e lhes confere interesse: o rejuvenescimento do regime é representado pelo escurecimento da barba, com sua cor – ‘negríssima’ porque esse rejuvenescimento baseia-se no café (negro) e na escravatura (negra), e ‘brilhantíssima’ por causa da riqueza que produz. Depois de algum tempo, no entanto, mostra-se que o escurecimento é apenas temporário, produto dessa prosperidade econômica, voltando o regime a ser o que sempre foi – ancien. Talvez haja aqui uma referência ao bem conhecido fato histórico de que a barba de Pedro II embranqueceu prematuramente, no final da década de 1860, quando ele tinha 40 e poucos anos. Diz-se que isto aconteceu por causa de sua dor e preocupação com a Guerra do Paraguai (embora talvez tenha sido, também, por uma característica da família Bragança).¹²⁶

Segundo Raymundo Faoro, há nas obras realistas de Machado um símbolo constante que determina a posição da personagem na sociedade. Trata-se dos meios de transporte, mais precisamente das carruagens. Para citar um exemplo de *Esau e Jacó*, basta lembrar a atenção que foi chamada pelo coupé do casal Santos ao chegar à missa do defunto. „A carruagem atesta e certifica a mudança social, mostra o estado da sociedade, a decadência de certas camadas e o surgimento de outras. O Império se exhibe nos seus carros.¹²⁷“

3.4.8 Considerações finais

O romance *Esau e Jacó* mostra mais explicitamente de todos a época da transição do regime monárquico ao regime republicano, no Brasil no século XIX. Descreve o auge da oposição entre as forças monarquistas e liberais, através dos personagens principais mostra que a sociedade brasileira estava polarizada como nunca. Os caracteres dos personagens chegam também a um ponto extremo em comparação com as obras anteriores, por exemplo Santos e

¹²⁶ John Gledson, apud Renato Oliveira Rocha, “O jogo entre a história e ficção em *Esau e Jacó*“, (*Revista Entrelaces*, ano 4, n. 4), p.183.

¹²⁷ Cf. Raymundo Faoro, *Machado de Assis: A pirâmide e o trapézio*, p. 42.

Nóbrega são representantes de homens ambiciosos que não conhecem escrúpulos para atingir o que querem. Por um lado, as divergências na sociedade são enormes; por outro lado, verifica-se que com a mudança do regime não se alteram radicalmente as condições e as estruturas da vida cotidiana:

apesar das medidas tomadas em busca do progresso e de uma sociedade igualitária, seja em relação à abolição da escravidão seja na passagem do Império para a República, não houve resultados capazes de mudar a estrutura básica da sociedade, apenas uma troca de roupa capaz de mudar a aparência externa sem deixar de ser a mesma em sua essência e com todos os seus problemas, reflexos de uma jogada bem executada para manter as coisas da mesma forma.¹²⁸

¹²⁸ Renato Oliveira Rocha, “O jogo entre a história e ficção em *Esau e Jacó*”, p. 19.

3.5 *Memorial de Aires*

O último romance tratado nesta tese é ao mesmo tempo o último de Machado de Assis, publicado pela Garnier em 1908, no mesmo ano em que o autor faleceu. Temporalmente, o enredo é anterior a *Esau e Jacó*, abrange os anos 1888-1889. Não é por tanto de admirar que um dos temas tratados é o da emancipação dos escravos.

O livro contém notas do conselheiro Aires, um ex-diplomata que voltou para o Brasil. Através da sua irmã Rita conhece um casal, os Aguiar. Estes nunca tiveram filhos, mas gostam muito do afilhado deles, Tristão que se mudou para Portugal e pretende seguir uma carreira política lá. Têm também uma moça da qual cuidam como se fosse deles. Chama-se Fidélia, e é uma viúva jovem, Aires lhe acha muita graça. O pai da moça é o barão Santa-Pia, um fazendeiro. Este, nas vésperas da Abolição resolve libertar os escravos, morre pouco depois. A fazenda é herdada por Fidélia, quem a doa aos libertos. Entretanto, ela torna-se noiva de Tristão e os dois decidem largar tudo no Brasil e partem para Portugal. A história termina com a reconciliação de Aires com sua terra.

3.5.2 A intertextualidade

Como sabemos do prólogo a *Esau e Jacó*, o conselheiro Aires deixou suas memórias em seis cadernos, o sétimo conteve a história dos gêmeos. No *Memorial* resumem-se os acontecimentos dos anos cruciais da abolição, deixando fora os episódios que não dizem respeito ao enredo principal. No que se refere à forma do livro, o *Memorial* mantém a forma de diário, é datado e narrado em primeira pessoa pelo conselheiro Aires, enquanto *Esau e Jacó* é narrado em terceira pessoa, e o mesmo conselheiro aparece nele como uma personagem secundária. Há menções sobre os cadernos de memórias do conselheiro no romance *Esau e Jacó*, e em contrapartida, algumas cenas deste aparecem anotadas no *Memorial*.

Do gênero memorialístico já podemos pressupor que o livro contenha reflexões íntimas do ex-diplomata, isso é, não necessariamente destinadas a serem compartilhados com o público. Articula-se essa tendência em algumas obras da fase realista de Machado: no prólogo a *Brás Cubas*, conta-se com poucos leitores; no caso do *Memorial* o narrador é mais radical, pois conta só com o papel. Como observa Wolmyr Aimberê Alcantara Filho, Machado de Assis “deixa de lado as ilusões quanto ao público e cada vez mais metaforiza e presentifica em seus escritos a

exigüidade e a quase inexistência de um leitorado brasileiro, o que se converteria na fragilidade da relação entre escritor e público.”¹²⁹

Considerando a estrutura do livro, devemos notar que continua com uma ideia traçada já em *Esau e Jacó*: a apresentação do contexto histórico através da vida dos personagens. Através do privado, sabemos do público. Narra-se a história de um casal que deixa para trás a vida no Brasil; simultaneamente, podemos acompanhar algo como uma crônica da abolição.¹³⁰ Os dois polos ligam-se tanto na problemática da fazenda Santa Pia, como na personalidade do narrador, Aires.

3.5.3 As duas personalidades de Aires

A figura do conselheiro é bastante complexa, pois abrange duas personalidades: a do homem civil, e a do diplomata. No entanto, estas duas faces não lhe são incompatíveis, porque como conta ele mesmo, desde criança tem a índole conciliadora:

Contava minha mãe que eu raro chorava por mama; apenas fazia uma cara feia e implorativa. Na escola não briguei com ninguém, ouvia o mestre, ouvia os companheiros, e se alguma vez estes eram extremados e discutiam, eu fazia da minha alma um compasso, que abria as pontas aos dois extremos. Eles acabavam esmurrando-se e amando-me.¹³¹

Verifica-se então que a carreira diplomática deve ter sido uma escolha certa, pois combinou bem com a natureza conciliadora de Aires. Mesmo assim, ele confessa em um momento que acha a escolha da profissão errada, devia ter optado pela música.

Aires está consciente de ter sido como diplomata apenas uma figura sem grande utilidade profissional: “A diplomacia que exerci em minha vida era antes função decorativa que outra coisa; não fiz tratados de comércio nem de limites, não celebrei alianças de guerra; podia acomodar-me às melodias de sala ou de gabinete. Agora vivo do que ouço aos outros.”¹³² Esta afirmação pode ter um sentido duplo: ele ouve não só a música dos outros mas, devido a sua ausência de muitos anos no Brasil, ele só sabe o que lhe conta sobre os outros a sua irmã mais velha, Rita. Ele «se nutre» das histórias dos demais, é um participante passivo dos acontecimentos.

A relação com a política deu-lhe entrada nas altas rodas da sociedade, mas ele lá não ganhou muito prestígio. A carreira de três décadas não lhe trouxe influência nenhuma, só um

¹²⁹ Wolmyr Aimberê Alcantara Filho, *História e política no Memorial de Aires, de Machado de Assis*, tese de mestrado (Vitória, 2009), p. 32.

¹³⁰ Cf. Idem, *ibidem*, p. 92.

¹³¹ Machado de Assis, *Obra completa*, volume I (Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, S.A., 1994), p. 1151.

¹³² Idem, *ibidem*, p. 1142.

título decorativo. Na realidade, ele mostra achar mais poder conciliador na música do que na diplomacia: “a arte [...] naturaliza a todos na mesma pátria superior.”¹³³

A vida política e privada se misturam sempre nos atos do conselheiro. Ele quer se livrar, na vida privada, da desconfinça que estava sempre presente na vida política: “Quando eu era do corpo diplomático efetivo não acreditava em tanta coisa junta, era inquieto e desconfiado; mas, se me aposentei foi justamente para crer na sinceridade dos outros. Que os efetivos desconfiem!”¹³⁴ A desconfiança, contudo, o persegue também nas relações com os demais, ele sempre encontra alguma coisa que o faz questionar a sinceridade de outrem. Já no início do livro, quando ele vê Fidélia junto à sepultura do marido, levantam-se em Aires algumas suspeitas. A viúva olha ao seu redor, para ver se alguém a está observando, parece querer beijar a sepultura. Finalmente, decide por não o fazer. Rita está convencida de que a viúva não casará de novo, que ficará sempre fiel ao marido falecido, como o seu nome indica. Aires desconfia logo, e faz aposta com a irmã de que Fidélia casará, que não esperará muito. As desconfianças de Aires não terminam por aí. Também não acredita no altruísmo de Tristão, o afilhado dos Aguiar que se torna pretendente de Fidélia. Por exemplo, quando este volta de Lisboa, o ex-diplomata vê segundas intenções detrás da máscara de somente rever os padrinhos, os quais ignorou durante anos. Tristão muda de opiniões políticas sempre segundo mais lhe convém e até troca de nacionalidade para chegar aos círculos políticos mais altos em Portugal. Há mais exemplos a respeito, e Aires admite que vê alguma dissimulação no rapaz, mas acha-o necessário para o rapaz encaixar na sociedade. Como observa Alferdo Bosi, “[a] perspectiva diplomática de base aceita a máscara como uma necessidade das relações interpessoais na sociedade, tal como ela é, aqui e agora.”¹³⁵ Há tentativas por parte do ex-diplomata para convencer a si mesmo de que sente simpatias por Fidélia e Tristão. Após ouvir tocar os dois, conclui: “[e]u saí encantado de ambos”. E reforça essa impressão algumas linhas mais baixo: “[r]epito que saí de lá encantado de ambos.”¹³⁶

No que se refere aos acontecimentos históricos no Brasil, Aires não consegue tomar partido em nada, não só pela questão de sua personalidade e do costume de diplomata de não se posicionar, pelo menos não abertamente, mas também por viver muito tempo fora. Segundo Raymundo Faoro,

¹³³ Idem, *ibidem*, p. 1144.

¹³⁴ Idem, *ibidem*, p. 1191.

¹³⁵ Alferdo Bosi, *Machado de Assis: O enigma do olhar* (São Paulo: Editora Ática, 1999), p. 140.

¹³⁶ Ver Machado de Assis, *Obra completa*, volume I, p. 1143.

O conselheiro Aires [...] é a consciência melancólica do fim dos tempos. Vê o abolicionismo, a República e o *encilhamento*, sem se engajar em nada, incapaz de se associar aos acontecimentos, identificado, para comodidade do papel, a um diplomata que perdeu a noção da realidade brasileira.¹³⁷

Aires não conhece mais a situação do seu país, por isso às vezes a sua atitude aproxima-se à indiferença. No final, o ex-diplomata confessa que voltou para o Brasil para reconciliar-se com a terra natal.

3.5.4 Abolição

Devido à datação do enredo, apresenta-se aos leitores uma crônica da fase final do movimento abolicionista. Podemos ver os resultados da luta, coincidindo a primeira reunião na casa do casal Aguiar com a aprovação da Lei do Ventre Livre. Já aqui se mostra que a camada social de Aires não se preocupa com a situação dos escravos, pois o casal mostra mais alegria pela carta recebida de Tristão do que pelo fato da emancipação. Aires não fica admirado e nem se mostra indignado com a indiferença dos Aguiar. O ex-diplomata conclui que “[n]ão há alegria pública que valha uma boa alegria particular.”¹³⁸ Aires, talvez por ter vivido durante muito tempo fora do Brasil, não se deixa comover com os acontecimentos socio-políticos no país, apenas acompanha os factos. Outra razão pode ser o fato de ele pertencer à elite social: “[o] esforço para preservar a imagem da classe dominante, para justificar os comportamentos que podem comprometê-la, é constante nos comentários do conselheiro sobre as personagens e constitui [...] a feição social do narrador. Com efeito, Aires compartilha o desinteresse dos Aguiar pelo destino dos negros¹³⁹.”

Apresenta-se uma situação que ficou registrada em vários casos na época da emancipação. Os grandes proprietários decidiram não esperar pela abolição oficial, e recorreram à libertação dos escravos antes de que fossem obrigados a fazê-lo por lei, seguindo, porém, interesses próprios:

A defesa das alforrias em massa, que se generalizava entre muitos deles, buscava resgatar a ascendência moral sobre seus cativos, em especial nas áreas escravistas menos tocadas pelo tráfico interno. Os que as advogavam confiavam não apenas na gratidão dos libertos, mas sobretudo na força dos laços comunitários e familiares entre os cativos para mentê-los, se não nas fazendas, pelo menos na região. Embasavam-se, assim, em um saber senhorial sobre os libertos e procuravam usá-lo para recuperar o controle da situação.¹⁴⁰

Na mesma situação se encontra o pai de Fidélia, o barão Santa-Pia. A fazenda dele, no Vale da Paraíba, já está em declínio quando chegam as notícias da aproximação da lei que

¹³⁷ Raymundo Faoro, *Machado de Assis: A pirâmide e o trapézio*, p. 359.

¹³⁸ Machado de Assis, *Obra completa*, volume I, p. 1118.

¹³⁹ Pedro Coelho Fragelli, “O Memorial de Aires e a abolição”, (*Novos Estudos*, n. 78, 2007), p. 198.

¹⁴⁰ Fernando A. Novais, Luiz Felipe de Alencastro (orgs.), *História da vida privada no Brasil: Império* (São Paulo: Companhia das Letras, 1997), p. 365.

libertará os escravos. Os proprietários de repente enfrentam-se com a realidade do Império: não são eles que mandam. O orgulho do barão não permite, porém, que o governo tome decisões sobre a propriedade dele: “[q]uero deixar provado que julgo o ato do governo uma espoliação, por intervir no exercício de um direito que só pertence ao proprietário, e do qual uso com perda minha, porque assim o quero e posso.”¹⁴¹ O barão conta com a lealdade dos libertos e decide alforriá-los antes do mandamento. Pouco depois falece, tal como o regime escravocrata. A fazenda é herdada por Fidélia e, no princípio, os libertos realmente continuam trabalhando lá. Porém, pouco a pouco começam a abandonar a fazenda e, quando Fidélia resolve vendê-la, os escravos querem ir com ela. Neste ponto Aires comenta: “[e]is aí o que é ser formosa e ter o dom de cativar. Desse outro cativo não há cartas nem leis que libertem; são vínculos perpétuos e divinos.”¹⁴² Vemos como o conselheiro ironiza a situação, privando-a da gravidade, e não pára por aí, ainda goza da cena dos libertos acompanhando Fidélia ao Rio de Janeiro. Outra vez se mostra aqui que o conselheiro consegue falar em tom leve de um assunto muito grave, pois com o declínio da produção cafeeira em Paraíba, os escravos não tinham na região mais oportunidades de trabalho e assim de sustentação.

3.5.5 Paixão amorosa e paixão pelo poder

O livro conta com um fio romântico: a relação entre Fidélia e Tristão. Com a união dos dois o destino da fazenda ganha um novo rumo. Tristão, para desmentir a hipótese de casar com a viúva por razões econômicas, sugere doar a propriedade aos libertos. Outro motivo é que Tristão quer voltar a Portugal e a fazenda representaria um obstáculo. Fidélia concorda e faz a doação. Na realidade, o casal não perde nada, podemos dizer que até ganha com esse ato, porque a sustentação seria deficitária. Aires vê na venda a intenção, mas não faz nenhuma crítica aberta, pois isso significaria confessar a falha da própria classe social, que não sabia lidar com o assunto a tempo.

A partida de Tristão e Fidélia para a Europa é também muito simbólica. Os dois, quando voltam ao Rio, criam muita ilusão nos padrinhos, que não têm filhos. O casal Aguiar espera que a união dos jovens faça com o que o jovem político resolva ficar no Brasil por causa da mulher. Como esta deixa a fazenda aos libertos, a esperança dos padrinhos desvanece. Os jovens demonstram desapego não só em relação aos padrinhos, mas também ao Brasil, personificando “a indiferença de uma elite que não tem compromissos com o Brasil, e por isso pode abandoná-

¹⁴¹ Machado de Assis, *Obra completa*, volume I, p. 1116.

¹⁴² Idem, *ibidem*, p. 1138.

lo, quando um outro lugar acena com melhores oportunidades.”¹⁴³ Partem com a herança de Fidélia (com exceção da fazenda) e vão rumo a Portugal para seguir as ambições de Tristão, e talvez para investir a herança. Com um pouco de exagero podemos afirmar que os dois saquearam o que puderam em seu país e pagaram as preocupações dos Aguiar com ingratidão.

3.5.6 Livro sobre a elite

Apresentam-se no livro poucas personagens, e quase todas pertencem às altas camadas da sociedade. Estão representados vários tipos da elite da época, como a figura do fazendeiro ou do diplomata. Por exemplo, os ex-escravos de Santa-Pia não entram diretamente na ação. Parece que os ricos se preocupam cada vez menos com a situação dos pobres, em todos os sentidos, comparando com os romances anteriores nos quais pelo menos houve contato entre as camadas sociais, mesmo se fosse para os mais ricos maltratarem os desfavorecidos. Uma razão de tal ausência pode ser que o conselheiro não entra em contato com pessoas de camadas mais baixas:

inscreve, em suas linhas, questões importantes sobre história, política, paternalismo e modo de ser senhorial, apenas apagados, e devidamente ajustados, a uma versão que convém aos ricos, isto é, a quase todas as personagens do livro, todos devidamente representados pela narração comedida (e interessada, ainda que talvez não de todo consciente) do conselheiro¹⁴⁴.

Como o narrador pertence também à elite, logicamente ele quer defender os «seus», por isso proporciona uma visão torcida dos factos. Da natureza de Aires é natural que ele tenha alguma preocupação com a objetividade, mas mesmo assim o seu testemunho não conseguirá ser objetivo, ele vai mitigar as injustiças cometidas pela classe dominante.

No romance podemos ver, porém, como os representantes da elite partem para não voltar: “A ação transcorre sempre no interior da classe dominante ligada à Monarquia, uma classe que perdeu sua função e que se fecha sobre si mesma em seu momento terminal: a lavoura decai, o fazendeiro morre, o comissário encerra os negócios, o diplomata se aposenta¹⁴⁵.” Simbolicamente, somos testemunhas da extinção de uma classe social cuja base foi a escravidão. Com a abolição deste tipo de trabalho, mudaram as regras do jogo: emergem novas camadas, o poder é re-distribuído. A antiga elite monarquista não tem outra saída, tem que se conformar com a situação ou sair da cena.

¹⁴³ Wolmyr Aimberê Alcantara Filho, *História e política no Memorial de Aires, de Machado de Assis*, p. 96.

¹⁴⁴ Idem, *ibidem*, p. 76.

¹⁴⁵ Pedro Coelho Fragelli, “O Memorial de Aires e a abolição”, p. 2.

3.5.7 Considerações finais

O último romance de Machado de Assis leva a cabo o caminho percorrido nas obras anteriores, captando a sociedade brasileira nas últimas décadas do século XIX. Os acontecimentos históricos narrados são anteriores aos abordados em *Esau e Jacó*, mas é nas memórias de Aires onde é mais marcante o desaparecimento do antigo sistema e dos seus representantes. O livro é também um diário da última fase do movimento abolicionista, apresentado do ponto de vista da elite. As atitudes resignadas do narrador já pressupõem o fim do regime monárquico, que está esgotado no sentido tanto econômico quanto ideológico.

4. Conclusão

Terminada a análise dos romances, cabe resumir os temas tratados e avaliar em que medida os livros espelham as mudanças sócio-políticas esboçadas na primeira parte do trabalho. Já após a primeira leitura das obras tornou-se evidente que, talvez exceto o romance *Esau e Jacó*, os tópicos investigados não formam o eixo central das narrativas. Sendo Machado de Assis um excelente observador – aliás, esta sua qualidade foi elogiada até por um dos seus mais severos críticos, Sílvio Romero¹⁴⁶ – ele mostra a realidade da época indiretamente, através das cenas da vida cotidiana das personagens. Apesar disso, as suas narrativas, penetradas pela aguda observação irónica, representam um excelente testemunho do que era o Rio de Janeiro no século XIX.

Como os romances da fase realista do autor abrangem temporalmente os dois Impérios e o início da República, foi possível observar uma evolução das questões sociais e políticas abordadas nas narrativas. Os fatores que causaram a crise do regime e levaram à sua queda estão presentes em todos os livros, graças ao que temos uma explicação dos problemas desde o seu início até ao auge. Explica-se por este modo a necessidade da mudança do regime, mas ao mesmo tempo podemos observar uma crítica da forma como esta deve acontecer: as ideias de fora, mais precisamente da França, não eram compatíveis com a realidade brasileira da altura.

Vamos agora expor a articulação gradual dos temas em questão nos romances. Primeiro, podemos afirmar que os livros mostram a vida da elite carioca, uma camada de aparências, rodeada de objetos de luxo. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e outros romances, mostra-se a vida dos bacharéis, sendo o personagem de Brás um modelo da classe. Esta tenta realizar suas ambições sem esforço, desperdiçando a fortuna herdada. Os bacharéis formam-se sem interesse no curso e, mais do que conhecimentos na área, eles adquirem uma retórica afetada e esvaziada de conteúdo e modos de pseudo-intelectuais. Brás Cubas, Bento Santiago, Pedro e Paulo Santos: nenhum deles mostra vocação por aquilo que estudou. Por meio dos estudos aspiram a entrar na carreira política e assim subir na ladeira social e viver uma vida de prestígio, luxo e ociosidade.

Ser político apenas por ambição pessoal, sem um programa de melhoramento da situação no país, implica uma indiferença em relação ao partido. Surgem, pois, tipos como

¹⁴⁶ Ver Sílvio Romero, *Machado de Assis: estudo comparativo de literatura brasileira* (Campinas: Editora da UNICAMP, 1992), capítulo XIX., pp. 307-320.

o conselheiro Aires, desinteressado dos assuntos políticos, portador de um cargo decorativo. Os adeptos à carreira política querem entrar no alto jogo: a maioria dos personagens não tem problema de mudar de partido de um dia para outro, segundo convém no momento. O mais significativo é o caso de Batista, convencido pela mulher de se tornar liberal; mas até Pedro e Paulo, que têm opiniões políticas claramente formadas desde a infância, decidem nos capítulos finais por um deslocamento partidário. Um fenômeno associado a este problema é o do jornalismo. Os que fracassaram na política, resolvem nos romances machadianos fundar jornais dirigidos aos deputados e à oposição, criticando aqueles que estão no poder. O autor critica os artigos cheios de lugares comuns e de ideias mal interpretadas, roubadas dos autores da Europa. Note-se também que nos círculos de alta política se entra só por meio de conexões, não por trabalho: o exemplo é Teófilo, de *Quincas Borba* que consagra toda a vida ao trabalho metucioso com o sonho de entrar na Câmara, mas fracassa por não ter conexões adequadas.

Quem tem o capital, tem o poder. Alguns nascem em famílias abastadas ou herdam a fortuna, outros são espertos como Escobar e conseguem subir por empréstimo de um amigo. Sem dúvida, é a aristocracia tradicional quem manda, mas a situação muda um pouco com o aparecimento de uma camada nova. As mudanças de condições econômicas levam à revalorização e mudança na hierarquia social: os livros machadianos testemunham a inflação e o fenômeno de encilhamento. As especulações financeiras permitem a aventureiros como Cristiano Palha, Agostinho Santos ou o andador de almas Nóbrega para se inserirem nos círculos altos da sociedade.

Alguns dos especuladores contam com a ajuda da esposa: Sofia e Natividade ajudam com os seus encantos a enredar “a vítima” com vistas do êxito do marido. Já Claudia Batista é a personificação de uma mulher ambiciosa que não tem outra maneira de se realizar a não ser atrás do marido, levando-o ao abismo. Virgília também procura o caminho mais efetivo para subir, mas querendo ter tudo, fracassa. Outro tipo é Capitu: moça muito determinada, o que no final torna-se inadequado nos olhos do marido conservador e ela acaba censurada. Segue Dona Glória, uma “matriarca” que tem capital e manda, mas também é desautorizada na sociedade conservadora. Finalmente, temos Fidélia que se torna um brinquedo para Tristão: provavelmente também não passa de ser mais do que uma fonte de capital para o político aspirante.

Chama a atenção a falta de uma classe média nos livros machadianos: a sociedade mostra-se dividida em elite, homens livres sem posses e escravos. Todos mostram dependência dos mais abastados. Nos romances temos uma descrição pormenorizada do processo da abolição.

Nas *Memórias Póstumas* ainda nos deparamos com navios negreiros chegando ao Brasil, mas também já há referência à proibição do tráfico por parte dos ingleses. Rubião já emprega imigrantes e o barão Santa-Pia liberta seus escravos na véspera da aprovação da Lei Áurea, sua filha doa a fazenda aos libertos. Um ponto importante feito por Machado de Assis é alertar ao problema da integração dos escravos libertos na sociedade. Sem educação, eles desconhecem as regras; não há emprego para eles, como podemos ver no caso dos libertos de Fidélia; e também não têm capital. O único que aprendem durante os anos de cativo são as maneiras brutas do dono, e a consequência disso aparece, por exemplo, na cena de vergalho, em *Memórias Póstumas*.

Revela-se nas páginas dos livros também a crise da Igreja católica. Este pilar do Império conta com representantes que procuram nas suas ordens mais a realização de ambições pessoais do que o serviço de assistente espiritual. Os cultos, missas, enterros e orações tornam-se vazios. A crise da religião católica mostra-se em várias formas: Lobo Neves é supersticioso, Natividade consulta uma cabocla, seu marido vai a um espírita. Mesmo os crentes mais fiéis, como Dona Glória, dão, no fundo, preferência aos desejos pessoais perante a obediência às leis divinas. Também a instituição de casamento está em crise, mostram-se relações adúlteras.

Por último, temos que mencionar as reflexões de Machado de Assis sobre as ideologias recém-vindas. A articulação máxima das suas opiniões a esse respeito está na criação de uma (pseudo-) filosofia, nas páginas de *Memórias Póstumas* e *Quincas Borba*: o Humanitismo. Este combina aspectos de positivismo, evolucionismo e determinismo, que fizeram entrada no Brasil com as ideias republicanas. Este sistema, inventado por Quincas, justifica todas as crueldades das autoridades e dos indivíduos, levando os adeptos à loucura. Por este meio, o autor chama atenção ao perigo de se entregar plenamente a uma ideologia, até o ponto de desculpar as injustiças.

Podemos concluir que a análise das obras em questão trouxe uma imagem rica da sociedade brasileira do século XIX, em seus traços gerais correspondente às informações apresentadas na parte de contexto histórico. Há, porém um valor aditivo: como o autor olha para os acontecimentos com alguns anos de retrospecto, acrescenta uma avaliação de cada época, considerando as consequências positivas e negativas que a respectiva fase trouxe.

5. Resumé

Diplomová práca sa venuje dielu klasického autora Joaquim Mariu Machada de Assis (1839-1908). Tento spisovateľ sa venoval žurnalistike, poézii, próze aj divadlu. Jeho tvorba sa zvyčajne delí na dve fázy: romantickú a realistickú. Autor prežil celý život v hlavnom meste Rio de Janeiro, narodil sa v regentskom období, následne zažil vládu cisára Pedra II. a zomrel v počiatočných rokoch Republiky. Šlo o obdobie mnohých spoločensko-politických zmien, ktoré sa odrážali aj v autorovej tvorbe.

Táto práca sa skladá z dvoch častí: v prvej predstavuje historický kontext, dobu, v ktorej sa pohyboval Joaquim Maria Machado de Assis. Druhá časť je venovaná analýze diel. K rozboru bolo vybraných päť románov z realistickej fázy autora, menovite: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro*, *Esau e Jacó* a *Memorial de Aires*. Po prečítaní diel a sekundárnych zdrojov boli vybrané aspekty charakteristické pre danú dobu a pristúpilo sa k ich rozboru. Kapitola sa venuje otázkam ako spoločenské vrstvenie, postavenie ženy v spoločnosti, zrušenie otroctva a jeho následky, klientelizmus, postavenie Cirkvi, či príliv nových ideológií zo zahraničia. V záverečnej časti sa porovnáva zobrazenie jednotlivých tém vo všetkých piatich dielach.

Cieľom práce je zistiť, do akej miery sa v tvorbe autora odzrkadľuje spoločensko-sociálna realita Brazílie jeho doby a či sú badateľné zmeny v jej zobrazení naprieč všetkými piatimi románmi.

6. Bibliografia

Fontes primárias

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Dom Casmurro*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1997.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1997.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Obra completa, volume I*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, S.A., 1994.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Quincas Borba*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1997.

Fontes secundárias

ALCANTARA FILHO, Wolmyr Aimberê. *História e política no Memorial de Aires, de Machado de Assis*. Vitória: 2009.

ALVES PEIXOTO, Sérgio. “Parábolas são parábolas, nada mais que parábolas: uma leitura de *Quincas Borba*, de Machado de Assis”. In: *O eixo e a roda*. UFMG, 2001, pp.17-27.

BARBOSA ARAÚJO, Laíse Helena. “A crítica de Machado de Assis ao bacharelismo do século XIX.” In: *Intellèctus*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010.

BETHELL; Leslie. *A Abolição do comércio brasileiro de escravos*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.

BOSI, Alfredo. “O positivismo no Brasil: uma ideologia de longa duração“. In: *Do positivismo à desconstrução: idéias francesas na América*. São Paulo: EDUSP, 2004.

BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: O enigma do olhar*. São Paulo: Editora ática, 1999.

CARVALHO SILVA, Adriana. “Vamos à história dos subúrbios: uma leitura especial do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis.” In: *Geografia, Literatura e Arte*. USP, 2018, pp. 36-63.

COELHO FRAGELLI, Pedro. “O *Memorial de Aires* e a abolição.” In: *Novos Estudos*. São Paulo: Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, 2007, pp. 195-208.

CONCEIÇÃO FERNANDES, Paulo César da. *As Origens do Espiritismo no Brasil: Razão, Cultura e Resistência no Início de uma Experiência (1850-1914)*. Brasília, 2008.

CORDEIRO, Marcos Rogério. “O conflito de caracteres na obra de Machado de Assis”. In: *Anais do SILEL*. Uberlândia: EDUFU, 2013.

CORREA E SILVA, Laila. “A política imperial em *Quincas Borba*: um diálogo entre a história e a literatura”. In: *Humanidades em diálogo*. USP, 2017, pp. 151-162.

COSTA XAVIER, Anderson da. *Machado de Assis: o pensador poético*. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2014.

CHAVES DE MELLO, Maria Tereza. “A modernidade republicana“. In: *Tempo*. Rio de Janeiro: Editora da UFF, 2009, pp. 15-31.

- DUARTE, Cláudio Roberto. *Nada em cima de invisível: Esaú e Jacob, de Machado de Assis. As aventuras do dinheiro a transição do Império à República*. São Paulo, 2018.
- FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: A pirâmide e o trapézio*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da USP, 2006.
- FERRAZ DE MENEZES, Jaci Maria. “Abolição no Brasil: a construção da liberdade”. In: *Revista HISTDEBR*, Campinas, 2009, pp. 83-104.
- GONÇALVES WERLANG, Luís André; ASSMANN SARAIVA, Juracy Ignez. “Percurso da história inscritos em *Memórias póstumas de Brás Cubas*”. In: *Anais de Seminário Internacional de Educação*. disponível em: <https://www.feevale.br/hotsites/seminario-internacional-de-educacao/edicoes-anteriores/xv-seminario-internacional-de-educacao--2016>, (acesso em: 30/11/2019)
- KLÍMA, Jan. *Dějiny Brazílie*. Praha: Nakladatelství Lidové Noviny, 2011.
- KUNZ, Marinês Andrea; WEBER, Roswithia. „O Movimento Mucker e suas relações com a igreja católica e protestante“. In: *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, FURG, 2011, pp. 136-150.
- NOVAIS, Fernando A.; ALENCASTRO, Luiz Felipe de (orgs.). *História da vida privada no Brasil: Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- NUNES BARCAT SOUZA FIGUEIREDO, Roseana. “A crítica social em *Memórias póstumas de Brás Cubas*”. In: *SCRIPTA*. Belo Horizonte, 2000, pp. 183-186.
- OLIVEIRA ROCHA; Renato. “O jogo entre a história e a ficção em *Esaú e Jacó*”. In: *Revista Entrelaces*, UFC, 2014.
- REALE, Miguel. *A filosofia na obra de Machado de Assis & Antologia filosófica de Machado de Assis*. São Paulo: Pioneira, 1982.
- RIBAS DE COSTA, Milene. *A implosão da ordem: a crise final do Império e o movimento republicano paulista*. São Paulo, 2006.
- ROMERO, Sílvio. *Machado de Assis: estudo comparativo de literatura brasileira*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.
- SÁ MARTINS, Ana Patrícia. *A crítica machadiana em Dom Casmurro: um estudo da alegoria feminina como crítica ao sistema republicano no final do XIX*. São Luís, 2009.
- SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. “Afastemos o padre da política! A despolitização do clero brasileiro durante o Segundo Império“. In: *Mneme – Revista de Humanidades*. UFRN-CERES, 2011, pp. 187-207.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.
- SCHWARZ, Roberto. “A poesia envenenada de *Dom Casmurro*.” In: *Revista Novos Estudos*. São Paulo, 1991, pp. 85-97.
- SEVCENKO, Nicolau. “Troca de elite”. In: *Folha de São Paulo*. São Paulo: 2007.
- SILVA SANTOS, Bárbara da. *Dom Casmurro à luz da onomástica: tramas e tramoias do romance machadiano*. Vitória, 2015.

- VIERA DE GODOY STRINGUETTI, Lucas Mateus. “Opressão e escravidão no episódio do vergalho em *Memórias póstumas de Brás Cubas*”. In: *Revista Vernáculo*. Universidade Federal do Paraná, 2018, pp. 70-93.
- VIOTTI DA COSTA, Emília. *Da monarquia à república: momentos decisivos*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.
- VIZEU ARAÚJO, Homero. “Quincas Borba: pretensão cosmopolita, detalhe popular”. In: *Via Atlântica*. USP, 2008.

7. Anotação

Autor:	Bc. Viktória Polyáková
Departamento e Faculdade:	Departamento das Línguas Românicas, Faculdade das Letras
Título da tese:	A representação do contexto sócio-político na obra romanesca da fase realista de Machado de Assis
Orientador da tese:	PhDr. Zuzana Burianová, Ph.D.
Número de caracteres:	155 798
Número de anexos:	0
Número de referências bibliográficas:	38
Palavras-chave:	Literatura brasileira, romance, Segundo Império, República
Caracterização breve da tese:	O trabalho pretende mostrar como se reflete a situação sócio-política da época do Segundo Império e dos anos iniciais da República nos romances da segunda fase da criação do escritor brasileiro Machado de Assis (1839-1908), concretamente em: <i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i> , <i>Quincas Borba</i> , <i>Dom Casmurro</i> , <i>Esau e Jacó</i> e <i>Memorial de Aires</i> . É analisada a Igreja católica e a sua posição enfraquecida; a instituição de escravidão e a sua abolição; a estratificação da sociedade; a situação da mulher e a polarização do povo entre monarquistas e republicanos.

Anotação em inglês

Author:	Bc. Viktória Polyáková
Faculty and Department:	Faculty of Art, Department of Romance Languages
Title:	The representation of the socio-political context in the novels of the realist phase of Machado de Assis
Supervisor:	PhDr. Zuzana Burianová, Ph.D.
Number of characters:	155 798
Number of appendices:	0
Number of bibliographical references:	38
Key Words:	Brazilian literature, romance, Second Empire, Republic
Short characteristics of thesis:	<p>The paper aims to show how the socio-political situation of the Second Empire and the early years of the Republic are reflected in the novels of the second phase of the creation of the Brazilian writer Machado de Assis (1839-1908), specifically in: <i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i>, <i>Quincas Borba</i>, <i>Dom Casmurro</i>, <i>Esau e Jacó</i> and <i>Memorial de Aires</i>. The Catholic Church and its weakened position; the institution of slavery and its abolition; the stratification of the society; the situation of women and the polarization of the people between royalists and republicans is analyzed.</p>